

# UNICERJ

UNIÃO DE CAMINHANTES E ESCALADORES RIO DE JANEIRO

- ▶ *Ecologia numa visão mais ampla*
- ▶ *Curso Básico e Escola de Guias*
- ▶ *Por que conquistamos escaladas?*
- ▶ *Novas conquistas*
- ▶ *A nossa Unicerj*

Fundada em 17 de abril de 1998

CGC 02.593.668/0001-15

Largo do Machado 29 / 609

22.221-901 - Rio de Janeiro, RJ

Tel. (21) 3826-1459

www.unicerj.org.br

unicerj@unicerj.org.br

Reuniões sociais às quintas-feiras a partir das 20:30 h

## DIRETORIA

Presidente *Leonardo Perrone (Leo)*

Vice-Presidente *Marcos Éboli*

Diretor Técnico *Daniel Bonolo*

Diretor de Ecologia *Eduardo Buarque de Alcázar*

Diretor de Divulgação *Osiris Gopfert*

Diretor de Documentação *Rafael Albuquerque*

Diretor Financeiro *Tarcisio Rezende*

Diretor Secretário *François de Paiva*

Diretora Social *Lucia Ladeira*

## ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO

Presidente *Filipe Alvarenga*

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

*Aleksandra Krijevitch, Carlos Alberto Teixeira de Faria, Christian Costa, Clair de Carvalho Pessanha, Daniel Bonolo, Eduardo Buarque de Alcazar, Fabio Lattario Fonseca, Filipe Alvarenga, François Carvalho de Paiva, José Zaib, Leandro Chen, Leonardo Perrone, Lucia Ladeira, Luis Sayão, Marcos Éboli, Osiris Gopfert, Osvaldo Pereira, Rafael Augusto do Couto Albuquerque, Ricardo Borges, Ricardo Prado, Rodrigo Chauvet de Souza, Tarcisio Rezende e Willy Chen.*

## CORPO DE GUIAS DA UNICERJ: 43 GUIAS

GUIA	FORMAÇÃO	GUIA	FORMAÇÃO
1) Anete	(2010)	23) Leandro	(1999)
2) Bira	(2004)	24) Leo	(1999)
3) Bonolo	(2004)	25) Lucia	(1988)
4) Boulanger	(2010)	26) Luis	(2004)
5) Borges	(1990)	27) Marcos	(1999)
6) Buarque	(2002)	28) Marina	(2008)
7) Carlos Alberto	(2004)	29) Natan	(2008)
8) Carlos Henrique	(2010)	30) Osiris	(2006)
9) Cela	(2004)	31) Paulo	(2004)
10) Celeste	(2004)	32) Porto	(2004)
11) Christian	(1990)	33) Prado	(1990)
12) Clair	(2010)	34) Rafael	(2008)
13) Clety	(2004)	35) Roberto	(2010)
14) Fabio	(2004)	36) Rodrigo	(2004)
15) Favre	(2006)	37) Santa Cruz	(1973)
16) Filipe	(1989)	38) Sayão	(1984)
17) François	(2006)	39) Tarcisio	(1989)
18) Gabriela	(2008)	40) Terra	(2008)
19) Godinho	(2002)	41) Thiago	(2006)
20) Hugo	(2000)	42) Willy	(1984)
21) Jeferson	(2010)	43) Zaib	(1975)
22) Kaercher	(2008)		

Estes são os que podem planejar, organizar e liderar as atividades excursionistas promovidas pela Unicerj. Portanto, se você deseja fazer alguma excursão, entre em contato com um desses Guias para que a mesma seja programada pela Unicerj e aberta aos demais sócios.

**Bonolo, Diretor Técnico**

## FUNDADORES

*Aleksandra Krijevitch, Christian Costa, Filipe Alvarenga, Gustavo Mello, José Zaib, Leonardo Perrone, Lucia Ladeira, Luis Sayão, Marcos Éboli, Osvaldo Pereira (Santa Cruz), Ricardo Borges, Ricardo Prado, Rita Montezuma e Tarcisio Rezende.*

## A UNICERJ SOMOS NÓS

Como metas principais para 2010, priorizamos fortalecer os alicerces da Unicerj e dar prosseguimento à Campanha da Sede Própria. Sendo assim, concentrando nossos esforços nas áreas Técnica e Social, primordialmente enfatizamos o redimensionamento do nosso Clube, para que possamos saber hoje, após 12 anos de existência, o tamanho real do nosso Corpo de Guias e de Sócios. Para isso, precisamos rever o compromisso efetivo de todos para com os ideais unicerjenses, começando pelos integrantes do Conselho de Administração, Diretoria, Guias e Sócios, desde os mais antigos até os novatos. Mais do que nunca é tempo de reafirmar nossas convicções nos valores do Masenc, tão bem definidos em nossas Cartas Abertas. E todos aqueles que forem signatários dessas cartas com plena consciência e coração poderão com altivez dizer: Nós somos a Unicerj.

**Lucia**

## editorial

*“Nossos parques ficaram muito tempo fechados para o visitante, mas abertos para caçadores, palmiteiros e madeireiros. O bom uso é melhor do que o não uso.”*

(Ministro do Meio Ambiente, em discurso durante a solenidade de comemoração dos 70 anos do PNSO – 30/11/2009)

A frase acima reflete as mesmas idéias defendidas há muito por uma corrente de montanhistas, na qual nos incluímos. Esses conceitos rebatem argumentos, a nosso ver verbalizados supostamente como defesa do meio ambiente, que são usados sistematicamente como justificativa para restringir o acesso de visitantes aos Parques Nacionais em todo o Brasil.

O Parque Nacional do Itatiaia (PNI), localizado entre as duas maiores cidades do país, é um dos exemplos desta política restritiva hoje adotada pelos seus gerenciadores.

Fundado em 1937, o PNI foi o primeiro parque nacional criado no Brasil. Porém, os registros das primeiras ascensões no Maciço do Itatiaia datam do fim do século XIX, sendo considerado por muitos o berço do montanhismo no Brasil. As administrações de outrora, imbuídas em preservar o meio ambiente e conscientes do papel fundamental da sociedade neste processo de conhecer e perpetuar os bens naturais da humanidade, lançaram inúmeras iniciativas com este propósito, como a construção de abrigos e acampamentos para os visitantes, além de um eficiente sistema integrado de trilhas dentro do parque.

Atualmente foram adotadas algumas restrições no PNI, copiadas em outros parques, que inviabilizam a prática integradora e responsável do montanhismo em grande parte do Maciço do Itatiaia. As clássicas travessias Rebouças-Mauá e a longitudinal das Agulhas Negras, dentre outras, ficam inexecutáveis com horário de permanência dentro do Parque entre as 7h e 17h, acesso e trânsito de veículos extremamente limitado e proibição dos pernoites.

O Abrigo Rebouças, nos áureos tempos, foi base para grandes excursões e confraternizações. Hoje existe uma geração de montanhistas órfãos do PNI, que pouco conhecem as belezas e atrativos dessa magnífica região. Todas essas restrições combinadas, considerando ainda que a estrada de acesso nunca esteve em piores condições, e que recentemente foram fechadas opções de acampamento e pousada no entorno do PNI, geram, fatalmente, conflitos de natureza legal pela impossibilidade de conciliar a racionalidade do bom montanhismo com as exigências em vigor.

Mas esse cenário de limitação à visita não é uma exclusividade do PNI, tendo sido usado como modelo por outros parques próximos. Algumas das restrições acabam forçando o desgaste físico de excursionistas e a caminhada noturna. Caminhar à noite ou com chuva são desafios frequentemente enfrentados no montanhismo, mas procura-se evitar essas situações, agora impingidas por novas regras estabelecidas pelas administrações desses parques.

Aliado a tudo isso, o fator financeiro contribui sobremaneira para a elitização da atividade e limitação da visitação por excursionistas. A Portaria nº 366 do Ministério do Meio Ambiente, publicada em 2009, aumenta os ingressos nos Parques Nacionais em geral. Como exemplo, uma travessia de três dias no PNSO pode chegar a R\$ 55,00 por pessoa. Isso sem contar transporte, alimentação, equipamento e outros custos, totalizando um valor inviável para a grande maioria da população brasileira, e incompatível com a idéia de ampliar a visitação às nossas unidades de conservação.

Mas todas essas regras só penalizam os montanhistas e demais visitantes forçados a cumpri-las. Ou seja, os ilegais acessam os parques pelas vias ditas irregulares, usufruindo um bem público sem pagar ingresso e pernoitando quando e onde bem entenderem.

É importante reconhecer que alguns avanços aconteceram recentemente, como a reabertura das travessias da Serra Negra e Ruy Braga, no PNI, inclusive com a reativação de uma área de acampamento próximo ao antigo Abrigo Massena. Outro exemplo é a melhoria nas condições da trilha do Açú, no PNSO em Petrópolis, graças a um enorme trabalho dos voluntários em mutirões organizados por iniciativas isoladas de uns poucos funcionários. A trilha para a Pedra do Sino, após as duas excursões ecológicas promovidas pela Unicerj com o apoio da administração do PNSO, está hoje mais limpa, com melhor drenagem e desníveis mais suaves. O Parque também tem feito uma boa manutenção na trilha para o Dedo de Deus, inclusive com construção de degraus. O Programa de Voluntariado no Parque Nacional da Tijuca, do qual a Unicerj participa de forma representativa desde sua primeira edição em 2003, é um exemplo para todas as unidades de conservação no Brasil.

Ainda assim, é muito pouco perto do que representam esses três Parques, notadamente para os montanhistas, que sempre tiveram uma relação muito íntima com esses espaços ao longo de várias décadas, criando e mantendo as trilhas e vias de escalada e descida.

Um leitor desavisado pode achar erroneamente que todas essas restrições são inevitáveis e necessárias para o bom uso do Parque. No entanto, é interessante observar a organização dos nossos vizinhos latino-americanos que oferecem mapas elaborados com esmero, trilhas sinalizadas, ingressos gratuitos ou com preços acessíveis, opções de acampamento e abrigos que podem ser reservados com meses de antecedência, contando com serviços de alto nível. O surpreendente é descobrir que países como Peru, Equador, Bolívia e Argentina, que são tão ou mais pobres que o Brasil, conseguem manter essa estrutura. Certamente temos muito a aprender com eles. Por aqui, falta vontade política para dar a esses locais o reconhecimento turístico que merecem. Isto é, se nós, que conhecemos profundamente as trilhas ao longo de décadas de montanhismo, temos dificuldade de orientação em alguns trechos devido à falta de sinalização, imaginamos a situação dos turistas que pretendem frequentá-las.

Apesar de tanto se discursar sobre ecologia, nunca foi tão difícil acessar áreas naturais quanto hoje. O conceito de preservação não deve implicar na exclusão de pessoas. Os parques e áreas naturais são patrimônio da população e esta não pode ser privada do direito de conhecer esses espaços. 

## A NOSSA UNICERJ

Os momentos de inspiração precisamos e podemos aproveitar. Ainda mais pra falar de coisas que gostamos.

Acredito que em nossas vidas as coisas acontecem por um determinado motivo. Talvez não tenhamos consciência no exato momento, mas num futuro saberemos! Do mesmo modo ocorre com as pessoas que, de certa forma, escolhemos para fazer parte da nossa vida e do nosso aprendizado. Eu chamo isso de evolução. Na família, na vida social, no trabalho, em todos os ambientes que frequentamos.

Por essa linha de pensamento, a Unicerj não poderia ser diferente. Com seus idealizadores, Fundadores, corpo de Guias, sócios, participantes e, por que não, simpatizantes. Independente do nível de envolvimento, todos são bem-vindos! E é isso que torna o nosso Clube único: as pessoas!

Ah, como a diversidade é boa! Imaginem se as pessoas fossem iguais, pensassem da mesma forma e agissem de forma semelhante? Seria um verdadeiro marasmo. Mas aqui não, a individualidade é bem quista, aceita, estimulada e respeitada. As opiniões, gestos e ações que, com diferentes maneiras de se expressar, buscam um caminho em comum. Do mesmo modo que os casais se conhecem, namoram e casam. Por "simples" afinidade!

Gerações são agrupadas, conhecimentos compartilhados, aprendizados reciclados, felicidades multiplicadas! Essa é a Unicerj, a nossa Unicerj!

Como família, elegi o Leo meu irmão. Mesmo mais novo, representa um "mascote" de empreendedorismo do bom montanhismo. Um cara extremamente cuidadoso e atencioso com os entusiastas aprendizes. E com os "velhos" amigos.

Ouso citar outro exemplo, talvez o nosso maior

idealizador: Santa Cruz. Para uns, representado como Fundador. Para outros, professor. Mas para mim, como o meu pai do montanhismo, algumas vezes com palavras fortes, diretas, talvez interpretadas como duras, mas recheadas de amor e intensidade. Possivelmente por não entenderem esse amor incondicional, de pai, que transmite a real e verdadeira essência do montanhismo, algumas pessoas nos julgam de forma negativa. Isso dificulta a percepção do quanto é bom vivenciarmos a existência humana, a troca, o crescimento e o respeito.

É por isso que não temos apenas um clube, temos a Unicerj. Ninguém é obrigado a nada na vida, mas se recebemos tanta coisa boa por livre e espontânea vontade, acho que o mínimo que podemos fazer é retribuir e agradecer tamanha dedicação. Essa é a família que escolhemos ter, vamos alimentá-la com o que temos de melhor!

Seria injusto não citar Borges, Christian, Tarcísio, Lipe, Prado, Willy e Gustavo que tanto me ensinaram e ainda ensinam. Não esqueço as amáveis palavras do Zaib, na minha Escola de Guias, dizendo: "pode cair à vontade, tem segurança".

E como o ditado diz, por trás de grandes homens, existem grandes mulheres. Permitam-me adaptar à nossa realidade: as mulheres das nossas vidas não estão somente atrás de nós, mas junto de nós, dentro de nós. Lucia, Bias, Aleksandra, Raquel, Sylvia e todas as companheiras que representam o nosso horizonte, nosso "porto seguro", nosso equilíbrio, nosso alicerce principal, enfim, nosso mundo! E somos eternamente gratos por isso!

Essa é a nossa e única Unicerj!

# curso básico de montanhismo



BONOLO E OS NOVOS BOLHAS D'ÁGUA NA FESTA DE FORMATURA

O CBM/2009 teve início em 11 de fevereiro com a Aula Inaugural na Sede da Unicerj. Na mesma semana fizemos a primeira excursão, caminhada à Pedra do Conde e ao Anhanguera. Nessas duas atividades tivemos a oportunidade de conversar sobre o montanhismo e o Clube, nossa filosofia, bem como de nos conhecermos melhor individualmente.

Foram 28 atividades no total, entre aulas teóricas, caminhadas, mutirões ecológicos, escaladas fáceis e treinamentos em campo escola, além da clássica Travessia Petrópolis-Teresópolis e a avaliação final.

É importante lembrar que, mais do que apresentar aos iniciantes os equipamentos e as técnicas do montanhismo, o CBM da Unicerj tem como principal objetivo ensinar os sócios a serem unicerjenses. Desse modo, esclarecemos o funcionamento da estrutura do nosso Clube e reforçamos os ideais expressos em nossas Cartas Abertas, das quais todos os associados são signatários.

Vale ressaltar também que o Curso Básico de Montanhismo da Unicerj é um direito de todos os sócios, garantido no Estatuto, não sendo cobradas quaisquer taxas para participação.

## Alunos formandos do CBM/2009:

- Alberto de Lima
- Barbara Franz
- Carlos da Guia
- Clayton Silva
- Frederico Medeiros
- George Gomes
- Marco Dias (Markão)
- Maria da Consolação (Karuna)
- Pedro Brito
- Telcio Germano

## Atividades realizadas pelo CBM/2009:

DATA	ATIVIDADE	TIPO	PARTICIPANTES
11/02/2009	Aula Inaugural	Aula Teórica	36
15/02/2009	Pedra do Conde e Anhanguera	Caminhada Leve	30
28/02/2009	LII Mutirão Voluntário do PNT	Excursão Ecológica	26
01/03/2009	Cir. Pedra Bonita-Estrada de Furnas via Chapecó	Caminhada Semi-Pesada	16
07/03/2009	Gruta Presidente e Véu da Noiva	Caminhada Leve	20
08/03/2009	Pedra da Gávea	Caminhada Semi-Pesada	20
11/03/2009	Equipamentos	Aula Teórica	21
14/03/2009	Cam. Esc. Grajaú	Treinamento	15
15/03/2009	LIII Mutirão Voluntário do PNT	Excursão Ecológica	20
25/03/2009	Técnicas de Caminhada e Acampamento	Aula teórica	19
29/03/2009	Cam. Esc. Zumbi dos Palmares	Treinamento	20
01/04/2009	Procedimentos de Segurança	Aula teórica	15
04 e 05/04/2009	Tra. Petrópolis-Teresópolis	Caminhada Pesada com acampamento	22
05/04/2009	LIV Mutirão Voluntário do PNT	Excursão Ecológica	13
18/04/2009	Cam. Esc. Helmut Heske	Treinamento	15
10/05/2009	Par. Branco	Escalada Fácil	13
17/05/2009	Par. Branco	Escalada Fácil	7
23/05/2009	Par. Branco	Escalada Fácil	9
23/05/2009	XIV Mutirão Voluntário do PNSO	Excursão Ecológica	3
24/05/2009	Cam. Esc. Zumbi dos Palmares	Treinamento	14
24/05/2009	XIV Mutirão Voluntário do PNSO	Excursão Ecológica	6
27/05/2009	Primeiros Socorros	Aula Teórica	17
30/05/2009	LV Mutirão Voluntário do PNT	Excursão Ecológica	14
06/06/2009	Par. Branco	Escalada Fácil	8
01/07/2009	Revisão de Nós	Aula Teórica	10
04 e 05/07/2009	Tra. Petrópolis-Teresópolis	Caminhada Pesada com acampamento	9
05/07/2009	Cam. Esc. Paineiras	Treinamento	10
12/07/2009	Cam. Esc. Grajaú	Avaliação	20

# Festa dos Bolhas D'Água

Santa Cruz

Dia 02 de agosto de 2009 realizamos no Sítio São Judas Tadeu, em Itaboraí, RJ, a formatura do Curso Básico de Montanhismo CBM/2009.

Nesse dia reunimos 55 amigos e convidados e mais uma vez, com muita alegria, celebramos a nossa união. Como não podia faltar, tivemos muitos discursos emocionados dos formandos, bem como de todos os presentes que quiseram se manifestar. Isso, depois do futebol, da piscina e do delicioso churrasco preparado com a ajuda de todos nós sob a batuta do Natan, do Fabio e do Well.

A solenidade de formatura foi uma das mais bonitas que já participei. Uma festa como essa não é só um acontecimento gastronômico ou uma simples confraternização que se encerra na entrega de diplomas. Não é como "carimbar um passaporte" e receber um simples cumprimento. Muito pelo contrário, requer tempo de maturação, de espera, para que se possa ouvir, falar e comungar da própria celebração em si.

Leo e Bonolo propuseram que eu coordenasse os trabalhos da solenidade de formatura, que aceitei com muita alegria.

Montamos então a mesa com os Sócios Fundadores presentes num primeiro plano e os formandos do CBM em destaque mais atrás, próximos à piscina, num plano mais elevado. A meu ver, tal procedimento se justificava plenamente, pois a festa era justamente para os formandos do CBM, os novos Bolhas D'água da Unicerj.

Eram 16 horas e estava uma tarde muito azul de inverno quando pedi ao Gustavo Benevides para acionar o aparelho de som dando início à solenidade, com o Hino Nacional.

Como costuma acontecer nessas ocasiões, tivemos oportunidade de refletir sobre o que foi conquistado individual e coletivamente, à medida que cada um exprimia em palavras seus pensamentos e emoções.

Falei umas breves palavras e passei ao Leo para fazer o primeiro discurso, como Presidente do Clube.

**Leo** começou dizendo que "Para alguns, incrédulos e descrentes, nosso Clube tinha tudo para dar errado, mas graças a um grupo de abnegados a chama tem sido mantida com muito entusiasmo. E hoje estamos formando mais um Curso Básico de Montanhismo. A cada um dos formandos hoje aqui presentes nessa festa, espero que tenham vindo para ficar na Unicerj. Vocês já devem ter percebido que a técnica é importante no montanhismo, contudo mais importante são as pessoas, é o brilho nos olhos que mantém a gente. Quando a Unicerj ofereceu o primeiro CBM, em 1998, nós nem ao menos tínhamos uma sede. As aulas teóricas eram dadas numa escola lá na Gávea e hoje estamos no caminho de concretizar o sonho de uma sede própria, quando ficaremos livres de ter que pagar todos os meses o aluguel da nossa atual sede do Largo do Machado. O montanhismo amador permite que a gente sonhe com um mundo melhor.

Esperamos que vocês levem com carinho o que lhes foi dado com muito amor."

**Lucia** agradeceu a presença de todos, em especial à Mariangela por nos receber pela segunda vez nesse ano em sua casa, para mais uma belíssima festa da Unicerj. Lucia reafirmou as palavras do Leo contando algumas histórias do tempo anterior à fundação da Unicerj e lembrou aos formandos do CBM para que não façam em hipótese alguma excursões sem a presença de um Guia. "Parabéns a todos nós."

**Marcos** contou que hoje, mais uma vez, pensavam que ele fosse um sócio novo do Clube, quando é Sócio Fundador, Guia e atual Vice-Presidente da Unicerj. "Isso mostra que eu preciso participar mais das reuniões sociais e excursões. Aqui na Unicerj nós buscamos o que é certo, o correto, o melhor que acreditamos, a convivência sincera e a amizade. Isso nem sempre tem sido fácil pois há os que pensam muito diferente e preferem outras formas de praticar montanhismo. Tudo bem, há espaço para todos. Respeitamos as idéias alheias mas também queremos ser respeitados. Vocês já devem ter percebido que tudo que a gente faz em nosso clube é porque acreditamos de verdade. Se vocês também pensam assim, fiquem na Unicerj e participem da concretização desse sonho."

**Filipe** parabenizou os formandos do CBM e desejou a todos grandes excursões e que sejam felizes no montanhismo.

**Aleksandra** também fez um breve discurso: "Eu não sou Guia como o Leo, Lucia, Marcos, Filipe e Santa Cruz que falaram antes. Não sou Guia, mas sou Fundadora. Quero que vocês participem do amor que existe entre nós na Unicerj" e foi dar um beijo no Tarcisio.

**Bonolo** contou como conheceu a Unicerj e como tornou-se sócio: "No início eu achei muito estranho um clube não cobrar para se fazer um Curso Básico, uma Escola de Guias. Aí eu me perguntava: O que esses sujeitos querem de mim? Pois é, hoje estou totalmente envolvido com o Clube e muito me orgulho de poder devolver um pouco do muito que recebi na Unicerj. Aqui nós praticamos montanhismo, mas também cidadania e buscamos a comunhão de seres humanos com a natureza. Como disse o Santa Cruz na abertura dessa solenidade: 'Na Unicerj, toda excursão, não importa que seja ao Museu Nacional ou à Travessia Petrópolis-Teresópolis ou ainda aos Andes, tem que ser conduzida por um Guia'. O Objetivo do CBM é formar bons montanhistas. Aqueles que quiserem se tornar Guias deverão fazer a Escola de Guias, que também constitui na Unicerj direito dos sócios, mas é muito mais exigente em todos os aspectos. Portanto, não tentem fazer excursões particulares que nós iremos coibir. Não pensem que vocês estão aptos para guiar excursões. O CBM não dá essa prerrogativa nem esse conhecimento. Queremos que vocês continuem fazendo excursões conosco e não, uma vez formados, ser um 'Vai tartaruguinha...'. Como Diretor Técnico do Clube quero agradecer a decisiva participação do Corpo de Guias que esteve presente nas aulas e excursões para que pudéssemos mais uma vez realizar um CBM, mantendo essa tradição que vem desde a fundação do nosso clube, acolhendo todos os seres humanos que acreditam nos valores do MASENC."

**Natan** dirigindo-se aos formandos "Eu também já passei por isso que vocês estão passando. É um momento importante.

Depois eu fui fazer a Escola de Guias e vi o quanto ainda tinha para aprender e ainda tenho. Espero ver um dia alguns de vocês como Guias da Unicerj. É um longo caminho como eu já comecei a descobrir. Leva tempo para a gente se envolver de verdade com o Clube. No primeiro ano é de um jeito, no segundo ano o envolvimento aumenta e começamos a sentir a falta do ambiente da sede, da camaradagem dos amigos, do prazer que é difícil de explicar aos outros, esse prazer de estar todos os fins de semana nas caminhadas e escaladas. Depois de quatro ou cinco anos a gente passa a conhecer um pouco da verdadeira essência do Clube de que os veteranos tanto falam, como um segredo, um tesouro a ser compartilhado"... Natan foi ficando emocionado e emocionou também a todos nós.

Quando Natan terminou achei por bem iniciarmos a diplomação dos formandos, pois o momento se mostrava bastante propício. Afinal suas palavras foram consideradas por todos como verdadeiramente inspiradas.

A partir desse momento passei a palavra para os formandos. E chamei então o **Alberto de Lima** e ele contou que entrou para a Unicerj em dezembro de 2008: "Na época eu era aluno do Santa Cruz, lá na UFRJ. Ele já estava tendo que usar muletas, mas mesmo assim falava com muito entusiasmo do montanhismo e da Unicerj. Fiz uma excursão ecológica com o Clube na Serra dos Órgãos. Gostei muito e me associei. O CBM me ensinou muito, principalmente a experiência de compartilhar e de que podemos todo o tempo cooperar uns com os outros. Sou um tanto emotivo, por isso vou parar por aqui."

**Barbara Franz:** "Agradeço a oportunidade que a Unicerj me tem dado de estar em contato com a natureza. É a minha paixão. Fiquei muito feliz por ter encontrado outras pessoas que querem fazer algo pela natureza".

**Carlos da Guia:** "Quando fui à Pedra da Gávea com a Unicerj realizei um sonho. Aí pensei quero ir mais à frente. Obrigado por tudo."

**Clayton Silva:** "Cheguei ao clube em 2008 a convite do Rodrigo. A nossa convivência é ainda pequena, mas já é muito intensa. Aprendi muito na Unicerj e espero que seja eterno nosso convívio."

**Fred Medeiros** deu um depoimento muito bonito e minucioso da excursão ao Pico da Bandeira no Parque Nacional do Caparaó. Quando José Vidal passou mal e ele pode constatar a importância da presença dos Guias da excursão Fabio e Bonolo. "Fico impressionado como é forte a ligação entre todas as pessoas na Unicerj".

**Marco Dias (Markão):** "Vou contar uma coisa para vocês. Quando completei 50 anos eu fiz um pacto com a vida. Daqui pra a frente eu quero é ser feliz e se possível ajudar a fazer as pessoas felizes também. Sou solidário, criativo e tenho iniciativa. Considero-me um vencedor. Tenho uma filha advogada e uma mulher maravilhosa que eu não acharia outra nem de vela na mão. Escalo há três anos e espero continuar por muito tempo. Gosto de todos vocês. Comigo é na sinceridade: se tiver que brigar, eu brigo; se tiver que beijar na boca, eu beijo. Parabéns a todos nós. Agradeço aos Fundadores pelas idéias do Clube que são muito corajosas. Agradeço também aos Guias pelo excelente Curso Básico, em especial ao Bonolo, esse cara dinâmico que esteve todo o tempo ao nosso

lado. Ele está de parabéns. Sou aquariano\* e isso explica muito o meu temperamento"

(\*Segundo Thiago de Mello, na poesia *Horóscopo aos que Estão Vivos: "Aos nascidos sob a ternura de Aquário está destinado um grande serviço à causa da alegria geral"*)

Nesse momento **Osiris** pediu a palavra: "Eu queria falar um pouco sobre como é dar um CBM. Não é fácil não. Tem sempre quem reclama, mas vale a pena. A gente se lembra quando estava começando. Também foi difícil. Minha emoção é muito grande quando a gente consegue levar pela primeira vez uma pessoa ao Mirante do Inferno..."

**Maria da Consolação (Karuna):** "Fui eu essa pessoa. Osiris é o meu guru da montanha. Eu achava que nunca iria conseguir chegar ao cume do Mirante do Inferno, Natan deu a maior força também e eu só sei que foi maravilhoso. No que puder colaborar com o Clube, podem contar comigo."

**Pedro de Brito:** "Entrei no CBM preocupado com a técnica e fui descobrindo que o que está além da técnica é mais importante. A grande conquista para mim foi conhecer os valores que a Unicerj defende e pratica, sempre com muita amizade e respeito."

Em seguida **Mariangela** agradeceu a presença de todos em sua casa: "Quero que saibam o quanto a Unicerj é importante em minha vida. Na nossa convivência a gente só tem a aprender cada vez mais".

A essa altura, já havia escurecido completamente e a lua brilhava no céu. Eu pretendia passar a palavra ao Tarcisio que tradicionalmente é quem faz o encerramento das solenidades, desde quando foi o Presidente. Acontece que **Marcelo Oliveira** disse que desejava dizer

algumas palavras e imediatamente passamos a ouvi-lo: "É difícil separar a Unicerj das pessoas que tanto têm dado de si ao Clube. Eu já sou sócio há um bom tempo e estou demorando para me dedicar como gostaria. Mas sinto que estou no caminho de conseguir isso e tenho certeza de que um dia vou poder me doar à Unicerj como ela merece".

Foi então que **Rosany Bochner**, esposa do Osiris, fez um depoimento muito bonito, verdadeiro e até mesmo surpreendente: "Preciso falar uma coisa. Até hoje eu tinha um ciúme danado da Unicerj. Eu não conseguia entender o amor do Osiris pela Unicerj. E ele ainda aparecia com as calças rasgadas das excursões. Com o tempo eu fui compreendendo. Hoje eu quero reconhecer publicamente: eu estava errada. Eu não precisava ter ciúme da Unicerj. Isso aqui é uma verdadeira família. Nós somos uma família. E prometo que vou comprar mais calças novas para que ele possa fazer quantas excursões quiser".

Como não havia ninguém mais querendo falar e a solenidade já estava com três horas de duração, passei então a palavra ao **Tarcisio** que fez o encerramento:

"Quero falar da espontaneidade. Ninguém explica o que é o amor. Estamos aqui espontaneamente e este é um momento único em nossas vidas. A gente tem que ter firmeza para defender os valores que acreditamos. Eventualmente em um dado momento podemos tomar um caminho errado, uma trilha errada, mas com nossa união, todos juntos iremos encontrar o melhor para a Unicerj. Aqui somos todos irmãos. Não há disputas de poder entre nós e nenhum sentimento de competição." VIVA A UNICERJ!

# O Pé

Eduardo Galeano\* | Tradução de Anamaria Ladeira em homenagem ao Santa Cruz.

Muitos não voltaram. Muitos dos cidadãos do mundo que lutaram pela república espanhola, debaixo de terra espanhola ficaram.

Abe Osheroff, da Brigada Lincoln, sobreviveu.

Um balaço lhe havia arruinado uma perna. Com um pé quieto e o outro pé caminhando, regressou ao seu país.

Espanha foi sua primeira guerra perdida. E desde então, levado pelo seu pé andarilho, Abe não parou.

Apesar das traições e das derrotas, das surras e das prisões, não parou. Um pé não podia, mas o outro pé queria e seguia. Um pé lhe dizia: eu paro aqui, mas o outro decidia: eu te levo lá. E uma e outra vez, esse pé, o andante, voltava ao caminho porque o caminho é o destino.

E esse pé carregava Abe pelos Estados Unidos, de ponta a ponta, de mar a mar, e o metia em confusões, uma confusão maior que a outra, contra a caça às bruxas de MacCarthy e a guerra da Coréia e a segregação racial e a pena de morte e o golpe de estado no Irã e o crime em Guatemala e a matança no Vietnã e o banho de sangue na Indonésia e as explosões atômicas no Japão e o bloqueio de Cuba e a quartelada no Chile e asfixia da Nicarágua e a invasão de Panamá e os bombardeios ao Iraque e à Iugoslávia e ao Afeganistão e outra vez ao Iraque e...

Abe já tinha noventa anos e seguia sendo um caminhante, quando seu amigo Tony Geist lhe perguntou, só por perguntar, como ele andava. Ele levantou sua cabeça de leão de juba branca e sorriu de orelha a orelha:

- Aqui ando, com um pé na tumba e o outro pé bailando.

\*Escritor uruguaio nascido em 1940, autor de "Veias Abertas da América Latina". Há uma via conquistada pela Unicerj em sua homenagem, no Morro da Babilônia: Var. Eduardo Galeano, localizada quase no fim do Par. Entropia.

## escola técnica de guias excursionistas etge/2009



A Escola Técnica de Guias Excursionistas (ETGE) da Unicerj, nas duas primeiras edições, tinha um ano de duração. Assim, a primeira turma se formou no primeiro aniversário do Clube e a segunda quando a Unicerj completou dois anos.

Foi então que, a partir da terceira ETGE, o curso passou a ter um ano e meio de duração. Essa ampliação em seis meses foi uma importante mudança, considerando que os alunos das duas primeiras traziam grande experiência como montanhistas e muitos anos de convívio com os Guias Fundadores do Clube, fato que dificilmente seria conseguido novamente. Para exemplificar, basta lembrar que hoje todos os três Guias formandos da primeira ETGE são membros do Conselho de Administração, sendo Leo e Marcos respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Unicerj.

Também, não por acaso, as ETGEs têm início em outubro de um ano, transcorrem todo a ano seguinte (ano que dá nome à turma) e chegam à conclusão em abril do terceiro ano,

coincidindo a formatura com a festa de aniversário do Clube. Desse modo, os aspirantes a Guias, durante sua formação, têm a oportunidade de enfrentar duas vezes a pior época do ano, de outubro a abril, quando faz muito calor e ocorrem tempestades com frequência. Essas situações ajudam a preparar os futuros Guias para as adversidades da montanha.

No Boletim número 13, publicado em dezembro de 2008, divulgamos as atividades realizadas pela ETGE/2009 nos primeiros três meses do curso. Venho agora relatar algumas das experiências vividas pelos Guias e pelos alunos durante o ano de 2009.

Em janeiro tivemos três atividades para que os alunos se distribuíssem, já que não seria possível levar todos eles no mesmo dia. Foram marcadas duas excursões ao Dedo de Deus e uma à Chaminé Stop. Porém, apenas uma das três atividades, a segunda ida ao Dedo, obteve sucesso em atingir o cume. Durante a ETGE aprendemos que voltar do meio, muitas vezes, é a decisão correta e mostra respeito pela

montanha e pelas condições meteorológicas. Faz parte.

No mês seguinte, ainda com muitas chuvas, aproveitamos para realizar um treinamento de resgate e grampeação, técnicas que devem ser de domínio dos Guias. Em março, finalizando a Primeira Fase da ETGE/2009, fizemos uma excursão ao Morro das Antas, em Teresópolis, com manutenção da trilha que leva ao cume.

Vale ressaltar que, além de participarem das excursões exclusivas da ETGE durante o período, totalizando no mínimo 5 DNM (Dias na Montanha), os alunos participaram de aulas teóricas, DNS (Dia na Sede, quando cuidamos um pouco da parte administrativa e patrimonial da Unicerj) e das demais excursões do Clube, interagindo com os demais sócios e iniciantes.

Foi com muita alegria que, em abril, pudemos começar a Segunda Fase da ETGE/2009 com todos os oito alunos.

Na Segunda Fase, o compromisso e a dedicação de todos é ainda maior. São duas excursões por mês, muitas delas com mais de um dia. A primeira delas foi a Travessia Petrópolis-Teresópolis, tanto para candidatos a Guias Caminhantes quanto a Guias Caminhantes e Escaladores. Essa excursão, como é comum nas Escolas de Guias, ocorreu em conjunto com o CBM. Todos os alunos estiveram presentes, exceto a Célia, que poucos dias depois anunciou sua desistência do curso. A Escola de Guias é uma fase muito complexa na história de qualquer um. É necessária uma boa sintonia, principalmente entre os alunos e os professores, como também é preciso compatibilizar esse período com o trabalho, a família, a vida em si. Só quem já passou por isso é capaz de entender com clareza.

A partir daí, como era previsto desde o início, as excursões passaram a ser divididas, mas

tentando sempre manter os Caminhantes e os Caminhantes e Escaladores em atividades próximas geograficamente e com desafios equivalentes. Coincidiu com essa época a nossa decisão de convidar o Boulanger a passar para candidato a Guia Caminhante e Escalador, proposta que foi aceita.

Nos meses seguintes a ETGE/2009 estive no Garrafão, Agulha do Diabo, Travessia da Bocaina, Dedo de Nossa Senhora, Fissura Mariana, Pico da Bandeira e Cristal, Papudo e Travessia da Neblina, Maria Comprida, Paredão Che Guevara, Escalavrado e Cabeça de Peixe, só para citar alguns exemplos.

Algumas excursões merecem destaque. A primeira delas foi a segunda investida da Fissura Marcos Éboli, no Garrafão, quando demos um passo crucial para retomar esse projeto.

Também devemos citar os importantíssimos trabalhos de manutenção realizados na Descida Flávia Prado, localizada nos Dedinhos, e no Paredão CEPL, no Pão de Açúcar, com a troca e ajuste de diversos trechos do cabo de aço. Assim como o retorno da Unicerj à Variante Inti-Illimani, no Morro das Antas, tão utilizada durante as muitas investidas para a conquista do Paredão Unidade Latino-Americana.

Vale ressaltar também as duas idas a Itatiaia em excursões abertas aos demais sócios do Clube que, com acantonamento no Abrigo Rebouças, puderam desfrutar das belezas cada vez menos acessíveis do Planalto: Fissura Aleksandra Krijevitch, Asa de Hermes, Prateleiras, Agulhas Negras, Pedra do Altar e Fissura Sylvia Chen.

Destaco ainda a ida ao Espírito Santo, da qual participaram todos os alunos e na qual recebemos mais uma vez o apoio total dos grandes companheiros Edilson e Josias. Infelizmente desta vez não tivemos a presença divertida do Valdecir. Realmente a gratidão que a Unicerj tem por essas pessoas é incomensurável. Como

é bom perceber que ainda existem coisas nas quais a fúria devastadora do dinheiro não conseguiu penetrar! Essa amizade e capacidade de doação é o mais claro exemplo. Nessa excursão, além de chegar aos cumes do Pico do Frade e da Pedra Mãe, progredimos bastante na conquista do Paredão Amâncio Silva, no Pico da Freira.

Finalizamos a Segunda Fase em setembro de 2009, com a aprovação de todos os sete alunos como Guias Estagiários. O Estágio Supervisionado começou em seguida e foram realizadas 101 excursões. Nesse período, a Luciana desistiu do curso por conta de problemas profissionais e de saúde.

Na festa do 12º aniversário da Unicerj, a ETGE/2009, a sétima desde a fundação do Clube, formou seis novos Guias: Anete, Boulanger, Carlos Henrique, Clair, Jeferson e Roberto. Estamos confiantes de que eles se tornarão exemplo para os demais sócios e ajudarão a manter a Unicerj no caminho de fazer história no montanhismo do Brasil, brilhando e dando continuidade ao projeto do Masenc na sociedade.

**Bonolo**

#### **Atividades realizadas nas duas primeiras fases da etge/2009**

No último Boletim foram listadas as 12 primeiras atividades realizadas na primeira fase da ETGE/2009 no período de outubro a dezembro de 2008, entre excursões e aulas teóricas. Complementamos agora a lista com as 11 atividades realizadas entre janeiro e março de 2009, totalizando 23 nos primeiros seis meses do curso.

Em seguida à relação complementar da primeira fase, apresentamos a relação com as 34 atividades realizadas na segunda fase, entre abril e outubro de 2009.

**escola de guias  
preservação do MONTANHISMO**

#### **PRIMEIRA FASE**

##### **1) Dedo de Deus/ Des. Flávia Prado (parcial)**

Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Difícil  
Guias: Rafael, Terra e François  
10 de janeiro de 2009 - 6 participantes

##### **2) Cha. Stop (parcial)**

Pão de Açúcar  
Escalada Difícil  
Guias: Marina e Leo  
10 de janeiro de 2009 - 3 participantes

##### **3) Dedo de Deus via Teixeira**

Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Difícil  
Guias: Buarque, Willy e Terra  
18 de janeiro de 2009 - 6 participantes

##### **4) História da Unicerj III\***

Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Santa Cruz  
21 de janeiro de 2009 - 16 participantes

##### **5) O Caso Stop\***

Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Celeste  
28 de janeiro de 2009 - 15 participantes

##### **6) Proteções Fixas**

Sede do Clube – Aula Teórica  
Guias: Leo, Bonolo, Buarque  
04 de fevereiro de 2009 - 14 participantes

##### **7) Cam. Esc. Helmut Heske**

Parque Estadual da Serra da Tiririca  
Treinamento  
Guias: Leo, Favre, Buarque, Gabriela, François e Bonolo  
14 de fevereiro de 2009 - 14 participantes

##### **8) Prevenção de Acidentes**

Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Buarque  
18 de fevereiro de 2009 - 12 participantes

##### **9) Técnicas de Resgate I**

Sede do Clube – Aula Teórica  
Guias: Leo e Buarque  
04 de março de 2009 - 20 participantes

\*Atividade aberta a todos os sócios

**10) Técnicas de Resgate II**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guias: Leo e Buarque  
13 de março de 2009 - 14 participantes

**11) Morro das Antas/ Des. Gracias a la Vida**  
Vale dos Frades  
Caminhada Pesada  
Guias: Bonolo e François  
21 de março de 2009 - 7 participantes

## SEGUNDA FASE

**1) Tra. Petrópolis-Teresópolis**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Caminhada Pesada  
Guias: François, Leo e Tarcisio  
04 de abril de 2009 - 22 participantes  
Excursão conjunta com o CBM/2009

**2) Escalada Artificial e Técnicas de Conquista**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Borges  
15 de abril de 2009 - 13 participantes

**3) Agulha do Diabo/ Cha. Ricardo Cassin/ São João**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Difícil  
Guias: Leo, Rodrigo, Favre e Marina  
25 de abril de 2009 - 8 participantes

**4) Garrafão**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Fácil  
Guias: Buarque, Osiris, Gabriela e Natan  
25 de abril de 2009 - 7 participantes

**5) Fis. Marcos Éboli**  
Garrafão, PNSO  
Conquista  
Guias: Bonolo e Terra  
01 de maio de 2009 - 6 participantes

**6) Tra. da Bocaina**  
Parque Nacional da Serra da Bocaina  
Caminhada Pesada  
Guias: Natan e Willy  
01 de maio de 2009 - 6 participantes

**7) Primeiros Socorros**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Clety  
06 de maio de 2009 - 9 participantes

**8) Primeiros Socorros**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Clety  
13 de maio de 2009 - 9 participantes

**9) Vale dos Frades**  
Parque Estadual dos Três Picos  
Excursão Ecológica  
Guias: Leo, Bonolo, Porto, Willy e Rafael  
30 de maio de 2009 - 9 participantes

**10) Face Norte**  
Morro da Urca  
Treinamento  
Guias: Leo, Rafael e Buarque  
31 de maio de 2009 - 8 participantes

**11) Guia de Cordada**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Bonolo  
03 de junho de 2009 - 9 participantes

**12) Par. CEPI**  
Pão de Açúcar  
Manutenção  
Guias: Leo, Buarque, Osiris, Marcos e Gabriela  
07 de junho de 2009 - 9 participantes

**13) Planejamento, Organização e Relatórios**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Bonolo  
17 de junho de 2009 - 9 participantes

**14) Pico do Frade e Pedra da Freira**  
Cachoeiro de Itapemirim, ES  
Escaladas variadas  
Guias: Bonolo, Porto, Rodrigo, Leo e Kaercher  
27 de junho de 2009 - 14 participantes

**15) Par. Bendy/ Des. Daniel Alvarenga**  
Dedo de Nossa Senhora, PNSO  
Escalada Artificial/ Descida Muito Inclinada  
Guias: Osiris e Bonolo  
04 de julho de 2009 - 5 participantes

**16) Fis. Mariana/ Des. Henry Thoreau**  
Agulhinha Beija-Flor, PNSO  
Escalada Muito Difícil  
Guias: Rodrigo e Terra  
04 de julho de 2009 - 6 participantes

**17) Var. Inti-Illimani/ Des. Simón Bolívar**  
Morro das Antas, PETP  
Escalada Fácil/ Descida Muito Inclinada  
Guias: Favre, Terra, Willy, Bonolo e Rodrigo  
05 de julho de 2009 - 11 participantes

**18) Papudo/ Pedra da Cruz/ Des. Pablo Neruda**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Caminhada Pesada/ Descida Vertiginosa  
Guias: Leo, Kaercher e Marcos  
25 de julho de 2009 - 6 participantes

**19) Tra. do Caparaó**  
Parque Nacional do Caparaó  
Caminhada Pesada  
Guias: Bonolo e Fabio  
25 de julho de 2009 - 10 participantes

**20) Tra. da Neblina (sentido inverso)**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Caminhada Semi-Pesada  
Guias: Leo e Kaercher  
26 de julho de 2009 - 5 participantes

**21) A Arte de Guiar**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Santa Cruz  
05 de agosto de 2009 - 16 participantes

**22) Planalto do Itatiaia**  
PNI – Atividades Diversas  
Guias: François, Osiris, Rodrigo e Bonolo  
08 e 09 de agosto de 2009 - 18 participantes  
Excursão com pernoite no Abrigo Rebouças

**23) Planalto do Itatiaia**  
PNI – Atividades Diversas  
Guias: Bonolo, Cela, Prado e Willy  
15 e 16 de agosto de 2009 - 12 participantes  
Excursão com pernoite no Abrigo Rebouças

**24) 1º e 2º Dedinhos/ Des. Flávia Prado**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Artificial  
Guias: Bonolo, Filipe e Rodrigo  
22 de agosto de 2009 - 6 participantes

**25) Maria Comprida**  
Petrópolis  
Caminhada Pesada  
Guias: Bonolo, Filipe e Natan  
29 de agosto de 2009 - 7 participantes

**26) Par. Che Guevara/ Des. Noite Veloz**  
Pedra da Amizade, Petrópolis  
Escalada Muito Difícil/ Descida Muito Inclinada  
Guias: Leo e Kaercher  
29 de agosto de 2009 - 4 participantes

**27) Cabeça de Peixe**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Caminhada Pesada / Escalada Difícil  
Guias: Cela, Favre e François  
13 de setembro de 2009 - 5 participantes

**28) Escalavrado**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Fácil  
Guias: Fabio e Buarque  
13 de setembro de 2009 - 8 participantes

**29) Técnicas de Descida**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Santa Cruz  
15 de setembro de 2009 - 9 participantes

**30) Par. Unidade Latino-Americana (parcial)**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Muito Difícil  
Guias: Rodrigo, Leo e Terra  
20 de setembro de 2009 - 4 participantes

**31) Tra. da Neblina/ Des. Pablo Neruda**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Caminhada Semi-Pesada/ Descida Vertiginosa  
Guias: Buarque e Osiris  
20 de setembro de 2009 - 7 participantes

**32) Dedo de Deus/ Var. Maria Cebola/ Des. Montanhismo Amador/ Des. Flávia Prado**  
Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Escalada Difícil/ Descida Vertiginosa  
Guias: Buarque, Leo e Bonolo  
26 de setembro de 2009 - 7 participantes

**33) Material Móvel**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Leo  
30 de setembro de 2009 - 7 participantes

**34) Orientação**  
Sede do Clube – Aula Teórica  
Guia: Cela  
14 de outubro de 2009 - 7 participantes



CUME DO GARRAFÃO, PNSO

## Conquista da Fissura Marcos Éboli

A primeira conquista de que participei ativamente foi a da Descida Arequipa, em 14/09/2002, com Leo, Santa Cruz, Cela, Fabio e Rodrigo. Nesses últimos anos, tive a oportunidade de participar de várias outras, inclusive conquistando lances, sempre auxiliando o idealizador da empreitada. Foi assim com o Santa na Descida Leonardo Perrone, com o Borges na Variante Guy Costa, com o Leo no Paredão Unidade Latino-Americana e com o Zaib no Paredão José Kayan, apenas para dar alguns exemplos.

Esta não seria diferente. A Fissura Marcos Éboli foi imaginada e iniciada pelo Santa Cruz, que desde a primeira investida, em 1998, sonhava em voltar para terminá-la. Daquela excursão, válida pela primeira Escola Técnica de Guias Excursionistas (ETGE) da Unicerj, participaram também os Guias Christian e Tarcisio e o então aluno Leandro.

Naquela primeira investida, os bravos companheiros avançaram aproximadamente 25 metros e bateram dois grampos. A partir dessa excursão, muitos anos se passaram até que voltássemos lá. Acreditávamos que seria

necessário fazer investidas de três dias para ter progressos significativos. Mas, com tantas atribuições e outros compromissos, acabamos adiando esse projeto.

Nesse ínterim houve a criação das regras para conquista de novas vias de escalada no PNSO. Solicitamos e recebemos a devida autorização para prosseguir com a escalada.

Até que, elaborando a programação da segunda fase da ETGE/2009, a sétima desde a fundação da Unicerj, aproveitamos que o feriado de 1º de maio cairia em uma sexta-feira e marcamos uma excursão com o intuito de continuar e, quem sabe, concluir a via. Edilso e Valdecir, grandes companheiros do Espírito Santo, assim que souberam, confirmaram a vinda para ajudar no que fosse preciso. Osvaldo e Lucia os receberam em Miraflores e os acompanharam até a entrada do PNSO para o encontro conosco. Terra e eu fomos os Guias, com a presença do então aluno Boulanger e da Elisangela Lima como convidada. Para ajudar a carregar o material, Osiris marcou uma excursão de um dia à Pedra do Sino, para a qual se inscreveram a sócia Fernanda Lopes e

a até então convidada Tatiana Peres, que fez sua primeira excursão pelo Clube.

Devido ao mau tempo, não conseguimos progredir muito nessa segunda investida. Mas serviu para conhecermos a linda sequência de fendas e até avançarmos mais alguns metros em um lance conquistado pelo Edilso. Na volta, encontramos os companheiros Buarque, Gabriela, Leo e André Ribeiro, que faziam uma excursão com dois objetivos: manutenção de um trecho da trilha para a Pedra do Sino, pouco acima do antigo Abrigo Três, e nos ajudar a descer o equipamento.

A partir daí, com a impossibilidade temporária do Santa Cruz de fazer excursões, e com a grande vontade que todos nós estávamos de presentear o nosso amigo Marcos, resolvi tocar esse projeto.

Usando uns dias de férias atrasados, Osiris, Terra e eu marcamos de fazer uma empreitada de dois dias durante a semana. Nessa terceira investida, subimos com uma cargueira (com uma mochila de ataque dentro) e duas mochilas de ataque para sermos mais rápidos. Chegando ao Abrigo Quatro, deixamos apenas a cargueira com o material para pernoite e seguimos para o Garrafão, conquistando alguns metros ainda no primeiro dia. Na volta, deixamos todo o material (inclusive as cordas) e chegamos ao acantonamento usando lanternas e anoraques, levando apenas uma mochila com o estojo de primeiros socorros, um pouco de água e de farnel.

No segundo dia, Terra e eu subimos mais um bom pedaço, chegando ao início da última horizontal para a esquerda. Respeitamos o horário limite que havíamos determinado e retornamos recolhendo tudo. Osiris, que bateu vários grampos nesta investida intermediando lances, preparou mais uma bela refeição no Abrigo antes de descermos. No carro, só comentávamos sobre a vontade de voltar logo!



OSIRIS E BONOLO NA PENÚLTIMA INVESTIDA

E um mês depois estávamos de volta. Osiris e eu novamente, mas desta vez acompanhados pelo Kaercher e pela Elisangela. Saímos um pouco mais cedo dos nossos trabalhos em uma sexta-feira com o objetivo apenas de chegar até o Abrigo Quatro naquele dia. Assim fizemos.

No dia seguinte, sábado, partimos bem cedo em direção ao Garrafão e pouco depois das 9h já estávamos avançando na conquista. Foram apenas dois lances, mas que consumiram mais de três horas. O Kaercher progrediu os últimos metros até o cume, fazendo uma linda oposição horizontal, o lance mais difícil da via. Levamos mais duas horas até que todos estivessem no cume tirando a tradicional foto com a bandeira do Brasil. Acabou ficando tarde para descermos naquele dia, pois ainda teríamos que enfrentar a estrada. Preferimos dormir mais uma noite no Abrigo, podendo assim desfrutar de mais um jantar e um café da manhã preparados pelo Osiris.

Assim, em um total de oito dias na montanha, sem contar a investida inicial, conseguimos passar pelos lances que faltavam e registrar no livro de cume mais uma conquista para um companheiro querido, para a Unicerj e para todos os montanhistas que procurem vias bonitas, desafiadoras e seguras. Bonolo

## Por que conquistamos escaladas? Sublime expressão do nosso amor

Em junho de 2009 foi concluída pela Unicerj a conquista de uma belíssima fissura no Garrafão. A esta conquista deu-se o nome do último Fundador e Membro do Conselho de Administração da Unicerj que ainda não havia sido presenteado com uma escalada. Trata-se da Fissura Marcos Éboli. Na ocasião me ocorreram as palavras de um amigo especial que lá estava presente:

– Christian, nós devemos ser humildes nesta vida, humildes que nem... Gandhi.

Devemos, portanto, sempre nos espelhar nos melhores exemplos, queria ele dizer. Mal sabe este amigo, que hoje está temporariamente impedido de escalar conosco, o quanto está presente dentro de cada um de nós unicerjenses. Ele é um exemplo para mim e para todos nós. Afirimo, sem medo de errar, que esse nosso companheiro ensinou a todos os Guias da Unicerj a conquistar e a bater grampos. A Fissura Marcos Éboli foi idealizada por esse nosso amigo, mas não concluída por ele, sinal de que as sementes foram bem plantadas. Esse amigo, aliás, é o Santa Cruz.

Mas afinal, o que há de tão especial em uma conquista que tanto nos emociona?

Ainda que o compartilhar de qualquer escalada, conquista ou não, seja importante, belo, e desafiador, a conquista traz algo diferente à jornada: o imponderável. Definitivamente não se sabe o que nos espera depois da próxima agarra. Corpo e mente, portanto, convergem para a superação de obstáculos técnicos, mas também e especialmente psicológicos. A conquista não se trata apenas de um objetivo em si mesmo, uma busca de emoção e adrenalina, numa constante procura pela fonte da juventude. Os desafios técnicos aumentam nossa responsabilidade, expõem a dimensão humana de nossas realizações. Superação física também é edificante.

Igualmente importante é o sentido de conjunto que uma conquista nos proporciona. Confiança mútua e, sobretudo, generosidade são fundamentais. Sem alguém apenas carregando a mochila, um grampo não pode chegar ao conquistador do lance.

Uma conquista exige do homem o melhor de si em todos os aspectos.

Quanto ao nome da conquista, temos a liberdade de oferecer, não nomear apenas, uma conquista a quem ou ao que desejarmos. Pode ser um pensamento, uma poesia, uma homenagem a vulto ou evento histórico. Se quiser nos conhecer, veja as nossas conquistas: como, quando, por que e em que circunstâncias foram realizadas. O nome de uma conquista só não pode ser banal. Não se pode permitir desperdiçar o suor e o entusiasmo em algo vazio e sem amor.

Amor. Esta palavra define também outra forma de se oferecer uma conquista. Oferecemos a quem nós amamos. Certamente que muito amamos nosso amigo Marcos, mas poderia ser nosso filho, um de nossos pais, ou ainda a mulher amada. Uma conquista não se compra nem se encomenda. Em tempos em que tudo se transforma em mercado, em comércio, em compra, em venda, o amor às vezes é definido equivocadamente pelo tamanho de nossa carteira.

Uma conquista é a sublime expressão de amor ao próximo. Este amor é o amálgama da Unicerj. Os valores da Unicerj são os mais importantes em minha vida, ainda que às vezes fique distante deles. Aqueles que desejam compartilhar esses momentos sublimes se apressem, pois cada manifestação de amor é acompanhada por forte manifestação de despeito daqueles que não conhecem nada além do desamor.

Realize suas conquistas e lute pelos que você ama, pois de um momento para o outro a pessoa amada vai embora e você se arrependerá de não ter dito a ela: Eu te amo!

Marcos, nós te amamos! E amamos todos aqueles para quem conquistamos.

Felizes conquistas! Felicidades, companheiros.

**Christian**

# Ecologia numa visão mais ampla



Existe uma fábula bem conhecida sobre um beija-flor que tenta sozinho apagar um incêndio na floresta, levando a água para lá e para cá com o próprio bico. Quando os outros bichos lhe questionam a validade dessa ação, ele responde que está apenas fazendo a sua parte. Ou seja, se todos fizessem pequenos esforços em prol de uma causa comum, as coisas seriam bem melhores.

Mas como encontrar essa causa comum? E depois disso, como usar seus recursos, sempre escassos, de forma a se obterem resultados positivos e não o contrário do que se deseja? No caso do incêndio da fábula, a causa comum parece bem óbvia, mas na luta pela preservação de nossos recursos naturais, as coisas se confundem muito.

Quem visita uma mineradora, um lixão de uma grande cidade ou testemunha desmatamentos de grandes regiões, percebe que as coisas que afetam o meio ambiente podem ter escalas bem diferentes. Evitar andar em determinadas trilhas ou não jogar uma casca de banana na mata e brincar de reciclar lixo em casa são atitudes louváveis pelo seu princípio, mas não contribuem para o meio ambiente mais do que o tal beija-flor pode ter conseguido diminuir o incêndio florestal.

Sou totalmente contra jogar cascas e sementes nos pontos de parada das trilhas ou acampamentos, mas não por questões ecológicas e sim por questões de higiene e estética. Nos pontos de parada e acampamentos é onde ocorre o maior acúmulo de pessoas e aí é onde mais devemos nos preocupar em não sujar, para o lugar não ficar desagradável ou juntar ratos/cuínas. Quando você quer se livrar das suas cascas de banana e de laranja, muitos recomendam guardá-las em um saco plástico e levar esse saco com mais outros lixos orgânicos para passear por toda a caminhada para depois descartá-lo em uma lixeira. Mas será que a história tem aí um final feliz? Talvez hoje essa não seja uma atitude assim tão ecológica. Esse lixo, originalmente biodegradável, agora está envolto em um saco plástico não-biodegradável e será deixado em uma lata de lixo, onde ele depende de uma segunda pessoa, um gari, para continuar sua viagem. Passado algum tempo (de fermentação) desde o descarte, o gari eventualmente leva esse saco para um caminhão que, queimando diesel, fazendo barulho, irá passear pela cidade. Nesse caminhão, as suas cascas começam a liberar o chamado chorume, fedorento e intratável, que suja todo o caminho até chegar a um lixão. Aí, no lixão, as suas cascas de banana irão se juntar aos mais diversos tipos de lixo, dando volume a um resíduo muito mais tóxico. O seu lixo orgânico agora não é mais tão biodegradável... E se esse lixão não estiver bem construído, há uma boa possibilidade de essas cascas estarem no final dando sua pequena e significativa contribuição para contaminar um rio ou o mar.

Se você, por outro lado, tivesse preferido burlar “regras” e enterrar ou arremessar suas cascas no meio do mato (mas longe de pontos de parada/acampamentos) sou capaz de jurar que, no nosso maravilhoso clima tropical, depois de umas duas ou três semanas você não teria nenhuma lembrança ou vestígio dela no lugar onde ela foi jogada/enterrada, exceto, provavelmente, por um terreno um pouco mais fértil.

Apenas para reflexão sobre o tema, vou contar uma história. Na minha primeira viagem ao Peru, me lembro claramente de um gringo tentando dar uma lição de moral ecológica a uma senhora índia miserável que vendia frutas para os outros gringos e, por cortesia, as embalava em um famigerado saco plástico. A preocupação “ecológica” do tal gringo era que os sacos seriam jogados fora e contribuiriam para poluir o ambiente. Realmente dava para ver na estrada alguns sacos plásticos e outros resíduos enfeando o caminho. Mas pra mim isso não é ecologia. É paisagismo. Afirmo com toda a certeza que os danos ecológicos causados por aquela senhora, que não entendia nada do que o gringo estava falando, são infinitamente menores que os danos do próprio gringo com toda sua “consciência ecológica”. Aquela senhora praticamente só consome produtos de primeira necessidade, tirados diretamente da terra e poucos são industrializados. As roupas são remendadas e reaproveitadas ao máximo. Lavando em poucas ocasiões, usando pouco sabão. Para se locomover ela só anda a pé, ou quando é para pegar um carro, tem que fazê-lo junto com outras 8 pessoas (quando eu andei em um desses taxis ‘colectivos’, um Corolla SW, éramos um total de 10: 3 na frente, 4 no banco de trás e mais 3 no porta malas...). A casa dessa senhora não deve ter luz elétrica, água ou mesmo saneamento. Qual é a contribuição dela para degradar o ambiente? Acho que ela tem um bocado de crédito em relação a quem viaja frequentemente de avião (coisa que queima muito mais combustível fóssil do que qualquer ônibus, mesmo desregulado), toma banho todos os dias, lava as roupas na lavanderia duas vezes por semana e consome uma infinidade de produtos supérfluos ou não que, por mais que se evite, vêm na maioria das vezes embalados em muito plástico...

A Unicerj acredita que o meio ambiente irá se beneficiar mais se mais pessoas tiverem contato direto com áreas naturais. Assim a sociedade aprende a valorizar o que já conhece. Fechar uma trilha ou um Parque alegando que as tais cascas estão afetando o DNA das formigas, ou que o gradiente de temperatura causado pelo calor das pessoas pode agredir as plantas, ou que o barulho de alguns caminhantes está estressando os macacos irá diminuir o amor da sociedade pelas suas áreas naturais e isso é andar na direção contrária à da preservação.

Algumas linhas desse raciocínio “ecológico” invariavelmente concluem que o grande mal do mundo é o homem e que quanto menos gente houvesse no mundo, melhor. Já vimos muita gente elogiando os absurdos aumentos das tarifas de Parques Nacionais, acreditando que apenas isso garante a tranquilidade das trilhas e acampamentos. Outros chegam ainda a comentar que as mortandades causadas por guerras e desastres naturais teriam um saldo positivo para o planeta. Esse definitivamente não é o caminho da Unicerj.

**Buarque**

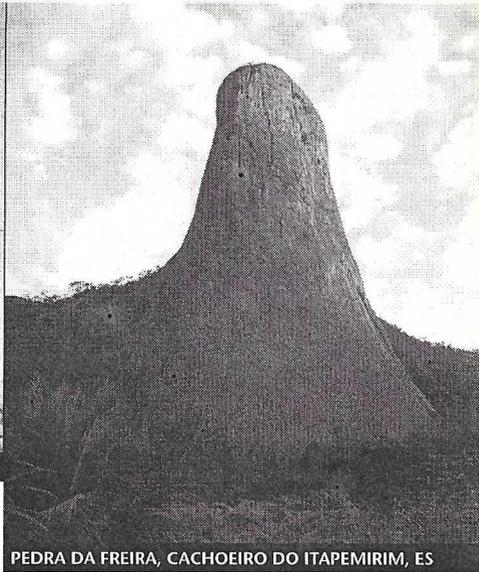


AMÂNCIO SILVA EM 1948 NO PICO DO ITABIRA, ES

## Par. Amâncio Silva

Há algum tempo eu queria conhecer essa conquista, mas por diversos motivos nunca conseguia. Na segunda fase da ETGE, chegamos a marcar duas atividades no Espírito Santo já pensando em ajudar na conquista. Na primeira, éramos 14 ao todo na excursão (12 vindo do Rio) e o melhor que pudemos fazer foi liberar o Bonolo para participar de uma investida de um dia apenas no domingo. No sábado, fomos subir a Pedra Mãe, quase colada ao Frade e à Freira, que é uma montanha muito interessante. A subida é bastante traiçoeira, pois parece um caminho bem fácil, mas ao mesmo tempo é bem exposto. A tendência é subir uma parte significativa sem corda e é preciso ter bastante cuidado para reconhecer os trechos mais perigosos e usar a corda quando o risco de acidentes é grande, não necessariamente quando é fácil ou difícil.

Finalmente, depois de tanto tempo, eu e Bonolo encontramos uma data para ir ao Espírito Santo para uma investida na Freira.



PEDRA DA FREIRA, CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM, ES

Seria a terceira investida do Bonolo e a primeira minha. Na penúltima investida Edilso, Bonolo e Josias passaram por um buraco na pedra no qual, segundo os cálculos do Edilso, caberiam até três pessoas. A via já estava com cerca de 400 m conquistados. Jumarear os oito esticões na próxima investida, para tentar avançar e ainda descer tudo no mesmo dia já praticamente não valia a pena. Esse local trazia uma grande esperança para a conquista, pois até então, não havia nenhum trecho natural que oferecesse quaisquer possibilidades de bivaque. O consenso era de que teríamos grandes chances de acabar a conquista nessa investida, especialmente se dormíssemos no platô do buraco.

Uma semana antes da data combinada, ou menos, o Bonolo avisou que não poderia ir. A princípio tudo bem, pois eu continuava confirmado, juntamente com Edilso e Josias. Eu nunca havia saído do Rio sozinho para o ES e essa possibilidade mexia um pouco com

a minha cabeça, pois era difícil conceber que ninguém mais quisesse ir, apesar de três pessoas ser um ótimo número para uma investida. Afinal de contas podia ser a última investida de uma via iniciada em 2004 e já com 18 investidas até então. Quem iria querer perder essa oportunidade? Fiz algumas ligações com apelos patéticos para conseguir mais algum companheiro, mas não tive sucesso. Enviei um email na quarta-feira à noite aos Guias na esperança de que alguém se manifestasse (a excursão era sábado e sairia sexta-feira à noite da Rodoviária Novo Rio). Foi com grande alegria que chegando em casa vi uma mensagem do Willy: "Acho posso ir contigo, matar a saudade de ES, pode comprar passagem de ônibus...". Era noite de quinta-feira e eu já começava a arrumar a mochila nesse momento.

As conquistas de modo geral requerem muito planejamento e essa não foi diferente. Demorei para arrumar a mochila como se fosse a primeira conquista. A possibilidade de dormirmos no buraco, a exposição à chuva, o fato de não conhecer a via, me faziam revisar dezenas de vezes cada item. Entre tantas coisas, separei parafusos, cliffs, friends, nuts, talhadeiras, uma rede para dormir, jumares, roupa para frio e chuva - pois provavelmente dormiríamos ao relento e poderia chover (aliás, já havia passado por essa experiência nessa montanha em outra ocasião, na regrampeação do Par. Ana Elizia) - entre tantos outros apetrechos. Concentrei-me tanto na excursão que foi difícil trabalhar na sexta-feira, ou melhor, esperar o tempo passar, dado que o ônibus estava marcado para as 23h.

Na rodoviária encontrei com Willy e estávamos os dois com duas mochilas grandes e mais

uma de ataque pequena, onde potencialmente tudo o que estava ali seria usado. Enquanto esperávamos o ônibus eu não conseguia parar de pensar em como levaríamos esse peso montanha acima. Por um momento me arrependi de não ter trazido o Haul-Bag, mas o fato é que não sabia se a via era suficientemente vertical para isso. Esforcei-me para dormir durante a viagem, pois minha cabeça estava a mil por hora.

A chegada na rodoviária em Cachoeiro foi emocionante. Quando nossos companheiros Edilso e Josias vieram nos buscar, nos demos conta de que havia chovido bastante no dia anterior. Um misto de alegria e tristeza ao mesmo tempo. No caminho, minha cabeça estava girando com os pensamentos e eu só pensava: "Como se não bastasse todo o peso que não sei como vamos carregar, a pedra ainda vai estar molhada, ou ensaboada.". O Edilso também estava taciturno e de fato tínhamos a mesma preocupação. Um olhar bastou para nos entendermos e a perspectiva era a de que iríamos apenas até a base da conquista. Chegamos lá e nem tiramos o material da picape. Es-



PERSPECTIVA DE UM DOS PONTOS DE PARADA

colhemos um lugar legal para namorar a linha da via e lá ficamos, praticamente calados, por cerca de uma hora. A pedra brilhava, naquele tom prateado e mórbido após a chuva e cada um de nós travava uma luta internamente para ver até que ponto valia a pena subir com esse peso pela pedra que escorria água.

Durante esse tempo, o sol ameaçou sair e fazia calor e as esperanças emergiram como num passe de mágica. A linha da escalada aparentemente estava secando e, se apostássemos nossas fichas, ela provavelmente secaria nesse dia para no domingo estar perfeita. No entanto, quando começamos a tirar o material da picape, senti o peso da mochila do Josias e do Edilso. Eram visivelmente mais pesadas que a minha mochila e a do Willy e esse fato foi preponderante para que eu tomasse uma decisão. Apenas dois dormiriam no platô do buraco e os outros dois ajudariam a carregar o peso montanha acima. Eu, o mais novo, me ofereci para subir a via no primeiro dia, voltar e subir novamente no dia seguinte. Escolhi o Josias para me acompanhar nessa jornada e, apesar de não estar muito contente com a decisão, ele aceitou os motivos. Tiramos de nossas mochilas o saco de dormir, farnel em excesso, muda de roupa e tudo o mais que conseguimos eliminar, dado que voltaríamos para dormir na base, perto do carro.

Mesmo assim, a minha mochila estava incrivelmente pesada e comecei a pensar que nunca havia feito nada parecido. Estava jumareando com uma mochila cargueira, tipicamente com o peso de uma mochila para fazer a Travessia Petrópolis-Teresópolis. Carregava o saco de dormir do Willy, uns 10 a 15 grampos, seis litros de água, farnel para

o dia, anoraque, lanterna, pronto socorro e tantas coisas mais. Os primeiros três esticões da via são menos íngremes e, quando subimos de jumar, o peso fica concentrado basicamente na perna. Até aí tudo bem. Daí para cima, a via começa a ficar um prumo ou negativa e jumarear com uma mochila cargueira desse porte começa a se provar uma tarefa árdua. Logo no início você já tem bem claro que alguma coisa está errada, mas não há muitas opções para resolver o problema. A corda está pendurada no vazio e você tem uma mochila de 15 kg. Ou você deixa o peso nos ombros e boa parte vai para o braço e abdômen ou você pendura a mochila no baudrier e arrasta o peso para cima a cada lance.

O tempo havia melhorado e, ao fim de seis esticões, eu começava a achar que descer tudo para subir no dia seguinte de novo estava beirando a insanidade. O tal platô para três, que, diga-se de passagem, eu não conhecia, parecia cada vez mais interessante e eu pensava: “Se cabem três, devem caber quatro. Ainda que não com todo conforto.”. Chegando ao fim do oitavo esticão, já havia me decidido que, mesmo que o lugar não fosse tão bom, dormiríamos por lá. Eu me desgastei demais para subir com o peso todo e descer tudo e subir de novo no dia seguinte não fazia sentido. Provavelmente se dormíssemos todos ali, mesmo com pouco conforto, seria mais interessante. Josias estava super contente de não precisar descer e também estava topando qualquer coisa. Havia apenas um pequeno detalhe: Eu e Josias não havíamos levado saco de dormir, roupa extra, nem farnel e água para dois dias. Falei com o Edilso sobre a possibilidade de ficarmos e ele bastante animado disse que daríamos um jei-

to, racionaríamos a água, farnel e o que mais fosse preciso para viabilizar. No nono esticão, quando a via sai em horizontal para a direita, passei por um buraco promissor, mas com uma pedra grande dentro e não me interessei por ele. No buraco seguinte, pensei: “Aqui caberia uma pessoa bem confortável, agora só falta ver o tal buraco para três”. Perguntei ao Edilso se era longe o tal buraco e ele me disse que esse era “o buraco” onde caberiam os três. Bom, de fato dava três pessoas de cócoras, sem muito conforto, onde a terceira ficaria praticamente fora do platô. E já começava a escurecer. Tínhamos que tomar uma decisão rápida: era isso ou voltar tudo. Inventaríamos a água, o farnel, e, no auge do cansaço, o platô estava parecendo ótimo. Ficamos. Willy ficou no platô anterior, com a enorme pedra dentro que tinha uma pequena fresta de comunicação junto ao chão que ia até o nosso platô. Conseguimos, depois de algum tempo, passar uma ponta de corda por essa fresta que foi muito útil para passarmos farnel e água. Edilso tirou da mochila duas “pequenas” marmitas que eram o jantar dele e do Willy que, dado a quantidade, deu bem para nós quatro.

Aos poucos fomos nos acostumando com o platô e tentando encontrar a melhor opção para dormir sentado. Edilso colocou as mochilas nas costas, cobrindo um buraco e eu e Josias não tínhamos muito o que inventar.

A cada momento que eu pegava no sono, meu pé escorregava e eu acordava. Josias estava em um lugar claramente pior que o meu, mas por incrível que pareça não reclamava de nada. Eu pensava em como seria passar a noite inteira nessa posição, sentado, quase de cócoras. Se eu esticasse a perna, meu pé

ficava para fora do platô e empurrava o Josias ainda mais para fora. Mais ou menos às onze da noite veio a chuva e ventava com toda a força. O melhor que pudemos fazer foi colocar uma lona plástica em cima de nossas cabeças e ficar segurando para ela não voar. A cada hora que um cochilava, a lona saía da mão e voava, acordando todos. Era difícil de respirar ali dentro e estávamos na dúvida se era melhor deixar a chuva cair direto em nossos rostos ou se tentaríamos segurar a lona. Pois bem, depois de uma hora a chuva se foi e ficamos ali molhados esperando o dia clarear.

Acordamos moídos em um dia ensolarado e Edilso sugeriu que apenas eu e ele fôssemos até o grampo da última investida, cerca de 60 m acima para dar uma espiada e tentar conquistar algum lance. As chances de terminarmos eram remotas, especialmente depois da chuva da noite. Subimos as cordas fixas com a pedra ensaboada e chegamos até o último grampo, mas dali não dava para estimar quantos metros faltavam até o cume. Com sorte, conquistando mais uns seis metros a pedra deitaria e ficaria mais fácil. Edilso encarou esse trecho com parafusos e alguns grampos e observou que a inclinação de fato diminuía e a vegetação que rodeia o cume já estava bem perto, apesar de faltar uns 70 m até lá. Fui até onde Edilso estava e achei melhor que ele continuasse conquistando. Agora, já na vegetação, conseguiu fazer um lance de uns 10 m - que secos não devem ser muito difíceis, mas molhados não estavam nada fáceis - e me puxou dali. Desse ponto para o cume, praticamente caminhamos pela vegetação e não foi necessário mais nenhum grampo.

Comemoramos muito a chegada ao cume e pensávamos em nossos companheiros que

havam ficado. Era muito injusto que Josias, por exemplo, que havia participado de 18 das 19 investidas, não estivesse lá conosco. Mas tanto ele quanto Willy estavam lá para ajudar e, sem eles, não estaríamos no cume. Isso é uma coisa importante de observar na hora de identificar os conquistadores da via. Não consigo entender como algumas pessoas divulgam suas conquistas e classificam alguns como conquistadores e outros meramente como "apoio".

Ficamos uns 30 minutos no cume e começamos a estudar a volta. Edilso queria fazer uma nova descida para retificar o final da via. Os primeiros oito esticções são mais ou menos retos, mas o nono sai em horizontal para a direita por cerca de 40 m. A idéia era descermos do cume direto para o final do oitavo esticção, mas para isso precisaríamos de muito cuidado. Primeiro porque quando começamos a descer, é difícil corrigir a trajetória, dado que a gravidade nos empurra para baixo, especialmente em um rapel vertical. Segundo porque uma vez que fizéssemos o primeiro rapel e puxássemos as cordas, queimando as caravelas, não dava mais para subir de novo. E, por fim, porque não sabíamos quantos furos a máquina ainda faria, somado ao fato de que dispúnhamos de apenas uma marreta.

Como tínhamos duas cordas de 60 m, a estratégia foi fazer um rapel curto de cerca de 30 m, bater um grampo e de lá esticar a segunda corda em única para estudar a via. No entanto, esse grampo estava muito para a esquerda e não chegaria na via. Optamos por abandonar esse grampo, subimos os dois até o grampo inicial e recomeçamos. Edilso bateu outro grampo, mais para a direita (mais perto da via que subimos) e fizemos o mesmo proce-

dimento. A máquina já dava sinais de desgaste. Optamos por queimar as caravelas desse ponto, dado que já sabíamos bem onde estávamos e, na pior das hipóteses, poderíamos emendar as duas cordas até nossos companheiros mais abaixo. Edilso desceu mais um trecho de rapel e bateu mais um grampo. A dúvida agora era se chegaríamos com apenas uma corda até o final do oitavo esticção. De cima parecia que ia dar, mas com o negativo não tínhamos certeza. Como achávamos que a máquina só bateria mais um grampo, optamos por não duplicar o grampo em que estávamos. Edilso desceria na frente os 30 m e, se precisasse de mais um grampo, ele o bateria. No entanto, se a corda desse, ele voltaria tudo de jumar para duplicar o grampo em que nós estávamos. A corda deu certinho, Edilso voltou para duplicar o grampo e descemos para o final do oitavo esticção. A essa altura já conseguimos nos comunicar com Willy e Josias, que ficaram super contentes com a nossa chegada ao cume. Agora era só buscar o material no buraco e descermos tudo para comemorar. Optamos por não tirar as cordas fixas, pois elas ainda poderiam ser úteis na regrampeação dos trechos finais, ainda não realizada. Após a conquista, a montanha foi consumida por um incêndio de grandes proporções que durou dois dias. Em consequência disso, imaginamos que as cordas tenham sido destruídas.

De volta ao Rio de Janeiro e após conversar com outros companheiros, sugerimos ao Edilso dar à nova via retificadora do cume até o oitavo esticção o nome Descida Josias de Barros. Ele aprovou e acreditamos que nosso grande amigo ficou muito feliz com a homenagem.

Leo



## Dados históricos

Após a ascensão do Pico do Itabira, realizada em 1947, Amâncio Silva tornou-se amigo de Silvio Mendes e seus companheiros do Rio de Janeiro que conquistaram a monumental escalada.

Amâncio Silva começou então a conquista da Pedra da Freira, na face mais longa e mais exposta da montanha, onde chegou a cravar dezenas de grampos, tendo subido aproximadamente 10% da via. Infortunadamente, numa das investidas ele sofreu um acidente fatal e a sua conquista ficou esquecida por mais de 60 anos.



UM DOS MUITOS GRAMOS ENCONTRADOS NA VIA

O acidente causou comoção, pois Amâncio Silva era muito querido em Cachoeiro do Itapemirim, sendo também ponta-esquerda do time da cidade.

Em 1948, Silvio Mendes retornou ao Espírito Santo liderando novamente um grupo do CERJ e, em 6 de junho, com a participação de três escaladores cachoeirenses, conquistou a Pedra da Freira, dando o nome de Amâncio Silva à última chaminé, justamente a que leva ao cume.

"Mais uma conquista! Mais uma vitória! Uma luzida equipe de escaladores do CERJ, à frente da qual se encontrava a figura valorosa de Silvio Joaquim Mendes, coadjuvado por Júlio Maria V. de Freitas, Carlos Santos e Cidineidis Viana Barreto, vem enriquecer o patrimônio de glórias do excursionismo nacional com a escalada do Pico da Freira, em Cachoeiro do Itapemirim. Por esse feito, que evidencia, mais uma vez, o esforço e a tenacidade dos nossos esportistas, a família excursionista se sente possuída de justa satisfação."

Extraído na íntegra do Boletim nº 115 do CERJ, publicado em agosto de 1948.

Ao contrário do que muita gente pensa, a via original da Freira, restaurada em 1994, nada tem a ver com a conquista onde Amâncio Silva perdeu a vida e por onde ele sonhava atingir o cume da Freira.

A conquista do Paredão Amâncio Silva foi feita graças à persistência do Edilso, que encontrou a sua base após um grande incêndio, participou de todas as investidas e catalisou os esforços para concretizar esse sonho. **Santa Cruz**



PARTE DA VIA ORIGINAL COM A CHA. AMÂNCIO SILVA

## Manutenção do Paredão CEPI Osiris

Em 1968, Carlos Henrique Tibiriçá, na época Guia recém formado do Clube Excursionista Carioca (CEC) e Bira, hoje Guia da Unicerj, levaram José Carlos Lemos de Moraes, Jorge Ferreira da Silva e eu para nossa primeira escalada, o Paredão CEPI. Foi paixão à primeira vista! Bira, José Carlos, Jorge e eu éramos alunos do Curso Técnico de Estatística da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) e o Carlos Henrique, aluno do Colégio Pedro II e companheiro nosso do Movimento Estudantil que fervilhava naquele ano.

Naquela época escalava-se com uma corda naval torcida, amarrada na cintura, com mosquetões sem rosca e alguns bacalhaus de corda serviam de solteira. Para dar segurança e descer usava-se um oito feito artesanalmente com vergalhão de obra.

O Paredão CEPI, via ferrata conquistada em 1952 pelo Centro Excursionista Pico do Itatiaia, foi a terceira via conquistada no Pão de Açúcar e um marco do montanhismo para a época. No entanto, esse Centro Excursionista, assim como tantos outros Centros criados nessa época, teve uma vida curta e já não mais existe. Apesar de diversas manutenções terem sido realizadas nos anos e décadas subsequentes, em 1999 a via se encontrava em completo estado de abandono e a Unicerj decidiu trocar todo o cabo de aço da via.

Entre junho de 2000 e novembro de 2001 foram feitas 25 investidas para a troca integral dos cabos. Vale ressaltar que boa parte das investidas poderia ter sido evitada se tivéssemos conseguido a colaboração da Companhia que administra o bondinho para ajudar a transportar os cabos até o cume. Porém na época, a autorização não foi concedida. Desde então foram feitas mais 12 excursões específicas para a manutenção da via. Nas

excursões normais costumamos levar na mochila uma chave de boca para reapertar as porcas de fixação do cabo que estejam frouxas.

Em 3 de outubro de 2009, Luciana Kondo, supervisionada pelo Buarque, guiou o Par. CEPI, sua primeira excursão pelo Estágio da Escola de Guias. Nesta excursão foi constatado, no último lance horizontal, o estado crítico do cabo totalmente danificado pela umidade constante daquele trecho. Este cabo havia sido trocado em 12 de março de 2005 em excursão da Unicerj com Borges, Cela, Santa Cruz, Willy, François e Sergio D'Oliveira (estes dois últimos, colegas meus da ETGE/2005).

Desta vez, o Buarque amenizou o problema colocando um cordelete emendando os dois pedaços do cabo que estavam ligados somente por alguns poucos fios, mas a urgência de uma correção definitiva era visível.

Na noite do dia 7 de outubro de 2009, quarta-feira, fomos Buarque, Gabriela e eu ao CEPI para fazer um conserto provisório nesse trecho. Trocamos o cordelete que emendava o cabo por um pedaço de corda, soltamos o cabo danificado de um lado e o deixamos pendurado do outro, para posterior recolhimento. Substituímos e remanejamos a fixação do cabo do trecho vertical que chega a esse ponto, pois ele se prendia originalmente ao cabo horizontal retirado e estava preso a menos de 1 cm de sua extremidade superior.

No dia 11 de outubro de 2009, em uma tarde de domingo, após alguns dias de chuva, voltamos Buarque, Gabriela, Boulanger, Anete (estes dois, alunos da ETGE/2009), Elisangela Lima, Rogerio Lamour e eu, para mais um dia de trabalho. Instalamos um cabo novo, revestido com uma mangueira para resistir à umidade e fixamos outro cabo maior no topo do penúltimo esticão (que termina nesse lance horizontal).

Como os demais cabos que instalamos no CEPI, esse cabo também não era novo. Ele havia sido

obtido pelo Clair (aluno da ETGE/2009) com a empresa que fez a manutenção dos elevadores no seu local de trabalho. Apesar de, preventivamente, não poderem mais ser usados em elevadores, esses cabos são perfeitamente adequados às vias ferratas por seu calibre e pela carga muito menor a ser suportada.

Por sorte não precisamos levar esse pesado cabo para cima, pois o Porto havia feito contato com a Administração do Pão de Açúcar e conseguira uma carona no bondinho de carga na sexta-feira anterior, o que nos ajudou bastante.

Na sexta-feira anterior, Buarque, Gabriela e eu fizemos uma reunião no Clube para planejar o trabalho a ser realizado e no sábado Buarque e Gabriela foram comprar as peças necessárias e algumas ferramentas. Compraram também um pedaço de cabo de aço mais fino e, com a ajuda do Natan, cobriram-no com uma mangueira plástica para evitar o contato direto do cabo com a pedra.

Instalamos esse cabo e retiramos a corda que fora colocada provisoriamente, bem como o cabo velho que foi levado para cima.

Numa verdadeira força-tarefa levamos o cabo novo para baixo. O cabo foi fixado no topo, ficando pendurado ao lado do cabo velho para substituição em outra excursão, pois vínhamos trabalhando sempre em pequenos turnos e fins de tarde para não interferir com outras atividades em andamento no Clube.

Na noite do dia 13 de outubro de 2009, terça-feira, fomos François e eu reforçar a fixação do novo cabo com mais um clipe.

Faltava ainda fixar o novo cabo vertical nos grampos e retirar o antigo. Assim, no dia 18 de outubro de 2009, domingo à tarde, fomos Buarque, Gabriela, Carlos Henrique (aluno da ETGE/2009) e eu para nova empreitada.

Trocamos as fixações em quatro pontos e retiramos um trecho do cabo de aço velho. Preparamos o tramo superior para ser rebocado para cima, mas

não deu tempo de fazê-lo, pois estávamos em cima da hora de pegar o último bondinho.

No dia 22 de outubro de 2009 tirei um dia de férias e junto com o Porto e o Marcos Dias, que estavam de folga no trabalho, retornamos ao CEPI bem cedo via Costão. Descemos até o ponto onde havíamos trocado a última fixação e a partir dali descemos fixando o cabo novo e soltando as fixações do velho cabo.

Três grampos abaixo chegamos em outro ponto crítico. Ali, os dois pedaços de cabo estavam ligados por uma corrente e a fixação no grampo estava bem precária, com uma barafunda de cliques, manilhas e correntes enferrujados. Após fixarmos o cabo neste ponto descemos mais dois grampos até o platô da via Cisco Kid. Quando lançamos o cabo no dia 11, o trecho inferior havia ficado todo enrolado nesse platô e constatamos que a fita e mosquetão usados para conduzi-lo para baixo haviam sido furtados.

Continuamos descendo trocando as fixações, até acabar o cabo novo, três grampos abaixo. No segundo grampo termina o cabo que vem da grutinha, fixo com uma volta passada pelo grampo e abaixo desse ponto deixamos o cabo novo e o velho superpostos.

O cabo novo mede aproximadamente 60 metros e ficou preso em 13 pontos. Depois rebocamos o cabo velho, com cerca de 50 metros, para cima e mais um pedaço de cerca de 5 metros que não fora retirado na última excursão. Foram mais de 10 horas de excursão somente nesse dia, totalizando 25 horas de trabalho e mobilizando 12 pessoas em 5 investidas.

Foi com base no ideário da prática do Montanhismo Amador, Solidário, Ecológico e Não Competitivo que levamos adiante esse trabalho, com o objetivo de colocar essa clássica via de escalada em condições ideais de segurança.

Que as novas gerações de montanhistas possam ter as mesmas emoções de apreciar a beleza do Rio de Janeiro visto do Par. CEPI.

## Comemoração do 11º Aniversário da UNICERJ

“O homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo do que a estrela da manhã”

Artigo 11º - “Os Estatutos do Homem”  
Thiago de Mello

Como nos anos anteriores, comemoramos em 2009 o aniversário da Unicerj com ampla presença de sócios e convidados. Dessa vez, a festa foi realizada nos dias 18 e 19 de abril, em Itaboraí, no Sítio São Judas Tadeu, da sócia Mariangela Ziccardi, que nos recebeu com muita alegria para comemorarmos mais um ano de realizações e planejarmos o futuro do nosso Clube de montanhismo amador e não competitivo.

O local mostrou-se tão acolhedor que voltamos a realizar lá outra celebração, desta vez em agosto de 2009, quando tivemos a Festa dos Bolhas d'Água e a formatura do CBM/2009.

Mantivemos assim o espírito solidário hospitaleiro de tantas outras festas já realizadas em Miraflores (Teresópolis), na Fazendinha (Guapimirim), no Sítio Querência (Vargem Grande) ou na casa dos pais do Fabio, na Ilha do Governador.

Dessa vez, reunimos 74 sócios e convidados que participaram ativamente da festa e, acreditamos, tenham também se emocionado com os discursos e testemunhos daqueles que compartilharam sua vivência na Unicerj.

De fato, nosso Clube tem sido importante na vida de todos nós, unicerjenses. É um clube singular, que desde antes da própria fundação, já estava na contramão do pensamento único dessa época conformista, subserviente, injusta e hipócrita que tem tratado o ser humano com tanta indiferença, quando não com brutalidade e falta de compromisso com a cidadania.

Durante a solenidade propriamente dita, combinei com o Borges, e ele aceitou mais uma vez, ser o mestre de cerimônias, coordenando os discursos de todos os presentes à festa que desejassem se manifestar.

Todos nos divertimos bastante com os discursos que em alguns momentos foram também emocionantes, com relatos inesquecíveis.

A festa de aniversário contou com a presença de 18 Guias do Clube e cinco Fundadores, que juntamente com as demais pessoas discursaram com entusiasmo e até eloquência.

Borges, assim que abriu a solenidade, agradeceu à Mariangela por nos receber em sua casa e passou a palavra ao Bonolo, que se emocionou bastante ao lembrar de sua Escola de Guias, a ETGE/2003, quando 11 Guias foram formados.

Como os mais novos puderam constatar, o aniversário da Unicerj não é só uma festa. É um momento para reafirmarmos os nossos valores e a nossa filosofia Masenc.

Lucia, comovida, lembrou as tantas celebrações que já realizamos em Miraflores e agradeceu à Mariangela e a todos que auxiliaram na organização dessa celebração tão bonita. Lembrou



ENCERRAMENTO DA CERIMÔNIA DO 11º ANIVERSÁRIO DA UNICERJ

que todos nós da Unicerj somos movidos pelo respeito que temos uns pelos outros e que a nossa visão de ecologia leva em conta, principalmente, os seres humanos de todo o planeta Terra. Lucia também reafirmou palavras do Borges que lembrou o Leo, que só não participou da festa por seu filho Guilherme estar com febre. Borges havia dito: “Quando

fundamos a Unicerj, Leo tinha 20 anos, ainda estudante universitário, nem mesmo tinha feito a Escola de Guias. Hoje ele é o Presidente do Clube e está mais preparado do que eu quando assumi a presidência. Quanto ao Bonolo, é bom vê-lo se emocionar ao falar do Clube e de suas responsabilidades como Diretor Técnico, cargo ao meu ver mais difícil até do que a presidência. Tudo isso nos dá muita esperança no futuro e a certeza de que estamos no caminho que acreditamos ser o melhor para a Unicerj.”

Lucia lembrou o Leo e disse: “Leo é para mim e para o Santa Cruz como se fosse um filho. Vimos ele começando desde menino e hoje é o Presidente do Clube.”

Carlos Alberto saudou o Clube em mais esse aniversário, em especial os Fundadores presentes: Aleksandra, Borges, Lucia, Santa Cruz e Tarcisio. “A Unicerj é uma grande família e eu me orgulho de fazer parte dela”.

Fabio disse que a Unicerj permite que possamos exercitar o amor no sentido mais amplo ao acolher com toda amizade os que querem praticar montanhismo com segurança. “Quero deixar um agradecimento aos verdadeiros mestres que encontramos aqui no Clube, em especial ao Santa Cruz que está aqui ao meu lado, que me ensinou muita coisa e ensina até hoje”.

João Vaz se apresentou dizendo: “Sou um sócio do período pós-Santa Cruz”. Então eu comentei: “Eu posso estar de muletas, mas ainda não morri”, no que Willy acrescentou com precisão “Madadayo” (título do filme realizado em 1992 pelo magistral diretor, Akira Kurosawa, homenageado em vida com uma conquista nossa no PNSO). “Madadayo” em japonês significa “Ainda Não”. Foi então que, passados os risos, João contou o que aconteceu em 2008, lá em São Gonçalo, na festa do aniversário do Clair: “Na ocasião eu estava desanimado e descrente de quase tudo, do trabalho, da escola, da política. Na época, Santa Cruz já estava tendo que usar muletas, mas mesmo assim não se entregava mostrando-se entusiasmado com as possibilidades de transformação, não se deixando contaminar com a minha resignação. Nossa discussão foi aumentando de intensidade fazendo com que todos a nossa volta prestassem atenção ao que dizíamos um para o outro. Era uma conversa verdadeiramente acalorada, com argumentos

históricos e filosóficos. Foi aí que o Santa Cruz bateu com a mão na mesa com força fazendo copos, pratos e talheres tremerem, apontou o dedo para mim, sentado bem a sua frente e disse olhando nos meus olhos com a certeza dos que vem lutando por toda a vida: ‘Se você não acredita que possa modificar o mundo a sua volta, você está no clube errado’. Era isso que eu queria dizer. Estamos todos no clube certo. O clube que escolhemos, o clube que mudou as nossas vidas e de algum modo está transformando a sociedade”.

Buarque fez um discurso que tem a ver com o cargo que ele exerce na Unicerj, Diretor de Ecologia: “A gente precisa se mobilizar mais, caso contrário qualquer dia só iremos conhecer os Parques Nacionais através de fotografias e filmes. Estão fechando tudo e quando não fecham estabelecem horários de visitaçao completamente inadequados para a prática do montanhismo. Precisamos reverter essa situação antes que seja tarde”.

Raquel Trambaioli, que está se formando médica, citou Platão e disse que encontrou na Unicerj um ideal de vida: “Eu sonho aplicar o espírito do Masenc na medicina”.

Willy fez um breve discurso enaltecendo a diversidade humana que existe em nosso clube.

Gustavo Benevides lembrou as peculiaridades de como a Unicerj é administrada: “Quem não conhece não compreende. Quem convive, respeita e admira”.

Mariana Ziccardi: “Eu não tenho muita coisa para contar. Só tenho 11 anos (coincidentemente a mesma idade da Unicerj). Sou filha da Mariangela. Ela fica muito feliz toda vez que vai fazer uma excursão com vocês. Eu não gosto de caminhadas, é muito cansativo. Talvez um dia eu descubra o que minha mãe já descobriu na Unicerj. Esse clube é muito importante para ela. Pelo que eu entendo vocês não estão nem aí para regras. Vocês fazem as próprias regras!”.

Favre lembrou a todos que “Um dia disseram aos fundadores da Unicerj: ‘Nós vamos aniquilar vocês’ (e isso foi antes da fundação do nosso clube). No entanto, a Unicerj está aí, desafiando o tempo, sem abrir mão dos princípios do Masenc. É isso mesmo!”.

Pouco antes de passar a palavra ao Tarcisio para fazer o encerramento da solenidade, lembrei a todos os presentes que nós Fundadores da Unicerj fomos por vários anos sócios atuantes do Centro Excursionista Rio de Janeiro (CERJ), clube fundado em 1939 por dissidentes do Centro Excursionista Brasileiro (CEB), que existe desde 1919. Temos, portanto, uma história que vem de longe. Em 1990, por divergirmos da orientação do CERJ no que se refere à formação de Guias optamos por nos afastar daquele clube que tanto nos ensinou. O tempo passou e anos após decidimos nos valer da prerrogativa constitucional que a República Federativa do Brasil garante a todos os seus cidadãos que é o direito de livre associação. Desse modo, no dia 17 de abril de 1998, a Unicerj foi fundada e continua a florescer para defender os valores que acreditamos. Passados todos esses anos, acreditamos que a Unicerj já é parte da história do montanhismo do Brasil, com mais de 200 conquistas realizadas e, principalmente, com a formação de Montanhistas e Guias que têm como objetivo ajudar a preservar a prática solidária do montanhismo amador e não competitivo em nosso país”.

**Santa Cruz**

## Livro de cume

### Casamentos unicerjenses e a Nova Geração

“Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e todas as espécies de tormentas investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha” (Mateus 7:25).

No ano de 2009, foram realizados muitos casamentos em nosso Clube: oito! Começando com o Kaercher e a Barbara, seguidos depois por outros jovens casais: Alessandra e Jeferson, Rafael e Isis, Caroline e Pedro, Buarque e Gabriela, João e Tatiana, Mariana e Paul e, finalmente em dezembro, Nery e Fernanda. Em 2010, Porto e Anitha já se encarregaram de inaugurar, em janeiro, a lista dos casórios unicerjenses.

Sendo assim, a família unicerjense, que é formada pela união de todas as nossas famílias, tem aumentado cada vez mais. Sem contar sua multiplicação com a nova geração de unicerjenses que nasceu em 2009! Bem-vindos!

- Maria Eduarda, filha da Bia e do Marcos, nosso Vice-Presidente.

- Tito, filho da Raquel e do Borges.

- Ana Clara, filha da Mônica e do Cela.

- Pedro, filho da Bia e do Fernando.

A todos os nossos tão queridos amigos agradecemos por compartilhar conosco momentos de tão grande felicidade e realização!

### Notas de Falecimento

Manifestamos nossa solidariedade aos dois companheiros que perderam recentemente seus entes queridos.

- Alfonso Alcázar Sanchez, pai do Buarque.

- Guilberto Hippert, pai do Borges.

### Agradecimentos especiais e de todo o coração

À Mariângela, que nos acolheu com grande generosidade em seu sítio, onde pudemos comemorar, em clima de muita emoção e alegria, a festa de confraternização pelos 11 anos da UNICERJ em abril de 2009, e em agosto do mesmo ano a Festa dos Bolhas D'água.

Aos membros da Comissão da Sede Própria pelo esforço que vêm dispensando, em prol da nossa Campanha, trabalhando ativamente na Cantina e promovendo confraternizações, sempre com o espírito amador.

Ao Rodrigo, pela organização dos nossos Relatórios que são a memória de nossas excursões.

Ao Boulanger e a sua irmã Dulcemary, por nos ter cedido o salão de festas do seu prédio para a realização da nossa Festa de Natal. E a todos os sócios que ajudaram e contribuíram generosamente para a farta ceia e para o sucesso dessa confraternização.

À Elisangela pela homenagem a todos os Guias unicerjenses, em um carinhoso vídeo com registros de excursões e momentos memoráveis.

Ao Vidal e ao François pelos consertos e reparos em nossa sede.

Ao Borges e a Raquel pelas tapeçarias andinas doadas à nossa Campanha.

Enfim, a todos os companheiros que fizeram doações, contribuindo direta ou indiretamente com a Unicerj, inclusive com livros e revistas para a Biblioteca Daniel Alvarenga, quitutes para a cantina e festas e prêmios para rifas e bingo, acreditando no montanhismo amador praticado com segurança.

### Festa do 12º Aniversário da Unicerj

Nos dias 17 e 18 de abril de 2010 comemoramos os 12 anos da Unicerj. Abordaremos no próximo Boletim esta linda festa, que teve as formaturas da ETGE/2009 e do CBM/2010.

## NOVAS CONQUISTAS

### 1) Des. Arthur Poerner

Pedra da Gávea, PNT

Descida Pouco Inclinada

Investida única: 04 de agosto de 2002

Conquistadores: Leo, Rodrigo, Bonolo, Favre, Clair, Álvaro Corletto, Daniel Farache, Daniel Primo, Marcia Lins e Rodney.

Homenagem ao jornalista, escritor, compositor, autor do fundamental livro “O Poder Jovem”, que descreve de forma bem documentada a trajetória do movimento estudantil na história do Brasil.

A Descida Arthur Poerner está localizada à esquerda da Carrasqueira, permitindo rapel seguro e eficiente de volta à base. Apesar de ter sido conquistada em 2002, esta via está sendo divulgada agora porque o grampo ainda não havia sido duplicado, o que foi feito em excursão do Estágio Supervisionado da ETGE/2009.

### 2) Fis. Marcos Éboli

Garrafão, PNSO

Escalada Difícil

4 investidas, conquista: 20 de junho de 2009

Conquistadores: Santa Cruz, Tarcisio, Christian, Leandro, Bonolo, Osiris, Terra, Kaercher, Edilso, Valdecir, Antonio Boulanger, Elisangela Lima, Fernanda Lopes e Tatiana Fazolato (ver matéria do Bonolo na página 18 e contracapa).

### 3) Des. Nelson Mandela

Mãe da Freira, Espírito Santo

Descida Pouco Inclinada

Investida única: 27 de junho de 2009

Conquistadores: Edilso, Josias, Leo, Bonolo, Porto, Rodrigo, Kaercher, Anete Gama, Antonio Boulanger, Carlos Henrique, Clair Pessanha, Jeferson Soares, Luciana Kondo e Roberto Maisenhelder.

Homenagem ao estadista sul-africano Nelson Mandela. Após passar 27 anos na cadeia, liderou a união do seu país e foi o principal responsável pelo fim do execrável regime de *apartheid*, tendo sido eleito o primeiro presidente negro da África do Sul. Nelson Mandela recebeu com muita justiça o Prêmio Nobel da Paz.

### 4) Par. Amâncio Silva\*

Pedra da Freira, Espírito Santo  
Escalada Muito Difícil

19 investidas, conquista: 18 de outubro de 2009

Conquistadores: Edilso, Josias, Valdecir, Leo, Willy, Santa Cruz, Bonolo, Terra, Vinicius, Claudio, Renato e Sandro.

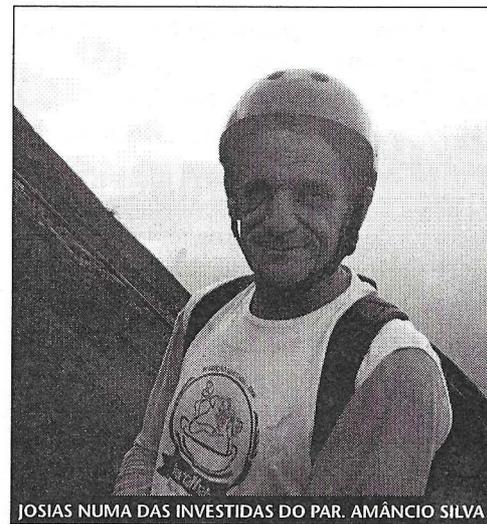
### 5) Des. Josias de Barros\*

Pedra da Freira, Espírito Santo  
Descida Muito Inclinada

Investida única: 18 de outubro de 2009

Conquistadores: Edilso, Leo, Josias e Willy.

\*ver matéria do Leo na página 24



JOSIAS NUMA DAS INVESTIDAS DO PAR. AMÂNCIO SILVA

## 6) Par. Vital Brazil

Pedra de Inã, Maricá

Escalada Fácil

2 investidas, conquista: 27 de fevereiro de 2010

Conquistadores: Rafael, Porto, Bonolo, Osiris,

Roberto Maisenhelder e André Ribeiro

Homenagem a Vital Brazil Mineiro da Campanha, nascido em 28 de abril de 1865. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como doutor em ciências médico-cirúrgicas em 1891, trabalhou como médico sanitaria e como clínico no interior de São Paulo.

Depois mudou-se para a capital do estado para pesquisar o ofidismo, quando descobriu a especificidade dos soros antipeçonhentos. O soro que se conhecia até então, descoberto por Calmette na França, não servia para as serpentes americanas.

Em 1899, pesquisando um surto epidêmico em Santos, identificou-o como peste bubônica e promoveu medidas enérgicas para conter a doença trazida e propagada pelos ratos. Ele mesmo contraiu a doença durante suas pesquisas. Ainda convalescente, retornou a São Paulo, quando fundou o Instituto Butantan, na mesma época em que Osvaldo Cruz fundava o Instituto de Manguinhos (hoje Fiocruz). Em 1901 o Instituto Butantan já entregava ao consumo as primeiras doses de soro antipeçonhento e antiofídico.

Com o intuito de diminuir os acidentes ofídicos nos rincões mais distantes promoveu campanha de esclarecimento aos humildes homens do campo ensinando-lhes medidas de controle, como o uso de botas e proteção dos animais ofiófagos, como o cangambá, a siríema e a muçurana. Praticava então, no início do século, a autêntica ecologia defendendo a preservação de espécies animais que contribuem para o equilíbrio da natureza e principalmente a proteção do homem.

Em 1919 mudou-se para o Rio de Janeiro. Apesar de convidado por Carlos Chagas para trabalhar em Manguinhos, resolveu se lançar, por

conta e riscos próprios, na criação de um novo laboratório, por achar que o Brasil necessitava de um número maior de instituições científicas, onde o estudo e a pesquisa se ocupassem da solução de seus graves problemas.

Foram anos e anos de trabalho em condições precárias. Em 1943 foram inauguradas em Niterói as novas instalações do Instituto Vital Brazil (IVB), que passou a produzir, além dos soros antiofídicos, vacinas contra a raiva, a febre tifóide e a difteria e os soros contra a peste bubônica, a disenteria e o tétano. Para uso animal as vacinas contra a aftosa, o carbúnculo e a peste suína.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, grandes organizações farmacêuticas aqui aportaram adquirindo ou se associando aos estabelecimentos mais tradicionais com o intuito de ganhar o mercado farmacêutico brasileiro. O IVB resistiu a essas investidas, fiel ao seu compromisso com a pesquisa científica. Em 1956, ameaçado de fechar as portas com imenso prejuízo, o IVB foi encampado pelo governo estadual, garantindo assim a continuidade de seus fundamentos sociais.

Vital Brazil organizou e criou dois grandes institutos de medicina experimental a partir do nada. De sua obra constam mais de cem trabalhos publicados nas mais diversas revistas especializadas, reconhecidos internacionalmente pela sua qualidade técnica e também pela clareza e exatidão das informações transmitidas pelo autor. Morreu no Rio de Janeiro em 8 de maio de 1950.

**“Fiz uma parte do muito que gostaria de fazer pela humanidade. Não tenho orgulho da minha pobre ciência, mas estou satisfeito com minha alma e o meu coração. Para uma alma bem formada não há nada como fazer bem aos outros. O bem que consegui fazer é o que conforta e tranquiliza meu velho coração.”**

Vital Brazil em entrevista ao programa “Honra ao Mérito”, transmitido pela Radio Nacional em 1949.

## Campanha da Sede Própria

Com o objetivo de consolidar a Unicerj pretendemos em breve conquistar, com a participação de todos os unicerjenses, a nossa Sede Própria.

Para adquirir o imóvel adequado aos nossos objetivos acreditamos ser necessário um montante de pelo menos R\$ 120.000,00.

E como forma de atingir este valor, sem abrir mão dos princípios em que acreditamos, decidimos criar 200 Certificados de Doação Plenos, no valor de R\$ 600,00 cada um, que dão o direito de atenuar em até 50% as mensalidades dos sócios que os adquirirem.

FRAÇÃO	DOAÇÃO	ATENUAÇÃO DA MENSALIDADE
INTEGRAL	R\$ 600,00	50%
4/5	R\$ 480,00	40%
3/5	R\$ 360,00	30%
2/5	R\$ 240,00	20%
1/5	R\$ 120,00	10%

Para aqueles que quiserem obter o certificado, mas não puderem contribuir com o valor acima, poderão ser adquiridas frações do Certificado.

Para mais informações procurem um dos membros da Comissão da Campanha da Sede Própria (CCSP).

Pessoal, estamos em plena Campanha! Esperamos a participação de todos.



*“Sonho que se sonha sozinho é só um sonho.  
Sonho que se sonha junto é realidade.”*

Saudações unicerjenses,

Comissão da Campanha da Sede Própria

### Atividades realizadas na Unicerj entre 1º de dezembro de 2008 e 31 de dezembro de 2009

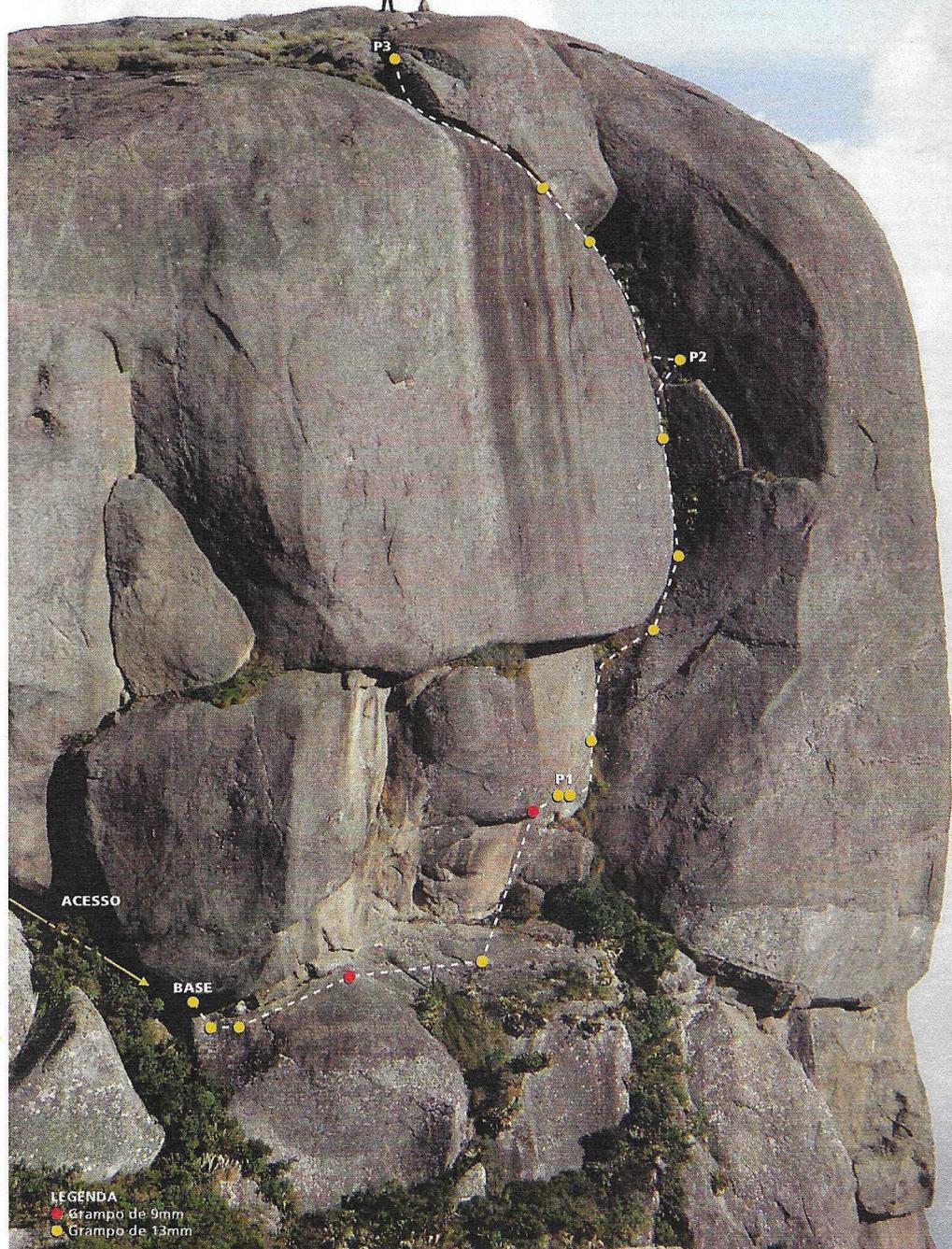
TIPO	ATIVIDADES	PARTICIPAÇÕES	MÉDIA PARTICIPAÇÕES/ATIVIDADE
Caminhadas	113	957	8,5
Escaladas	189	849	4,5
Ecológicas	17	180	10,6
Treinamentos	26	263	10,1
Conquistas e Regrampeações	14	57	4,1
Aulas	21	315	15,0
Confraternizações	9	395	43,9
Organizacionais	20	103	5,2
Culturais	5	77	15,4
Solidárias	1	2	2,0
Total	415	3198	7,7

# UNICERJ

UNIÃO DE CAMINHANTES E ESCALADORES RIO DE JANEIRO

## Fissura Marcos Eboli

GARRAFÃO – PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS



### LEGENDA

- Grampo de 9mm
- Grampo de 13mm